

Aprender com as Expressões a partir do Corpo, Movimento e Dança:

Uma Abordagem Realizada em Contexto de
Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo

Relatório de Estágio

Cláudia Patrícia Silva Picanço

Mestrado em

**Educação Pré-Escolar e Ensino do
1.º Ciclo do Ensino Básico**



Ponta Delgada, 2021

Aprender com as Expressões a partir do Corpo, Movimento e Dança:

Uma Abordagem Realizada em Contexto de
Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo

Relatório de Estágio

Cláudia Patrícia Silva Picanço

Orientadora

Professora Doutora Maria Isabel Cabrita Condessa

Relatório de Estágio submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação
Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo em Ensino Básico



Agradecimentos

A elaboração do presente Relatório de estágio só se tornou possível com o incentivo, apoio e amizade de diversas pessoas a quem, desde já, pretendo agradecer.

Em primeiro lugar, agradeço à Educadora Maria Vanda Rodrigues e à Professora Rita Ávila que, mesmo sem saber contribuíram muito para o meu ingresso neste curso e consequente concretização de um sonho, foram e serão sempre uma grande inspiração.

Agradeço à minha orientadora de relatório, a Professora Doutora Maria Isabel Condessa, pela sua orientação, disponibilidade, compreensão e paciência, demonstradas durante todo este processo e, principalmente, por todo o apoio dado na elaboração deste documento e pelas suas palavras de consolo e amizade, mesmo nos momentos mais difíceis.

Também gostaria de agradecer aos docentes supervisores de estágio, Professora Doutora Ana Isabel Santos e Professora Doutora Raquel Dinis pela orientação, disponibilidade, compreensão e incentivo face ao estágio pedagógico.

Aos docentes cooperantes, Educadora Cristina Amorim e Professora Ana Frago, pelo modo como me receberam nas suas salas e pelo apoio prestado durante todo o estágio.

À minha colega de estágio, a minha parceira, Inês Câmara pela amizade, disponibilidade e colaboração, ao meu amigo Filipe Raposo e seus pais que se tornaram família neste meu percurso.

Por fim, agradeço à minha família, aos meus pais, José Picanço e Fátima Picanço que sempre me apoiaram, que fizeram os possíveis e os impossíveis para a realização deste sonho, ao meu irmão Paulo Picanço e cunhada Dulce Picanço, por me ajudarem a crescer, tanto pessoalmente como profissionalmente, aos meus dois sobrinhos por, até nos momentos mais difíceis me colocarem um sorriso no rosto, à minha irmã, Marisa Bettencourt e cunhado Fábio Bettencourt, por estarem presentes em todos os momentos, por, sempre me estenderem a mão, nunca me deixando cair, ao meu irmão César Picanço e cunhada Diana Ferreira, por, apesar de longe estarem sempre disponíveis para me ajudar e ao meu namorado João Esteireiro por sempre me incentivar e inspirar a conquistar os meus sonhos. Obrigada pela compreensão, motivação, incentivo e amor, especialmente, ao longo desta fase da minha vida. Sem esta família incrível não seria possível a realização deste sonho. **A todos, o meu muito obrigada!**

Resumo

O presente Relatório de Estágio, desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, tem como objetivo relatar os contextos de estágio pedagógico, enumerando um conjunto de práticas supervisionadas e um estudo que evidenciam a importância das aprendizagens realizadas através da exploração do corpo, do movimento da dança, isto é, em práticas de atividade física.

Este trabalho, possui uma natureza teórico-prática, que se inicia com um enquadramento teórico, efetuando uma breve contextualização da importância da formação de professores na atualidade e de requisitos fundamentais ao perfil do monodocente educador/professor. Ainda neste enquadramento é realizada uma exposição acerca das aprendizagens em contexto de pandemia e das consequências do confinamento nas crianças/alunos, sejam estas a falta de atividade física e relação com os pares, ou até mesmo, pelo tempo que passam expostos a ecrãs.

Nos estágios pedagógicos I e II, ligados à componente da prática pedagógica supervisionada, recorreu-se a diversas atividades sobre a temática em contexto de sala de aula, aquando das aulas presenciais e em contexto de ensino à distância (realizado em maio e junho de 2020). Através do comportamento e aprendizagens adquiridas pelas crianças, averiguamos que as estratégias lúdico-dinâmicas utilizadas pela estagiária foram benéficas e tiveram um contributo positivo, como será exposto ao longo deste relatório.

Como forma de reforçar a vertente investigativa no estágio foi desenvolvido um breve estudo baseado em perspetivas dos familiares (n=80) sobre as práticas quotidianas de Movimento e Dança dos seus educandos, um grupo de crianças açorianas, em dois momentos educativos – ensino normal e ensino em período de 1.º confinamento. Este estudo permitiu engrandecer a minha formação, uma vez que através dele foi possível conferir a importância da atividade física, não só para as crianças, como para a sociedade em geral, e o lugar do movimento e da dança nesta etapa de escolaridade.

Finalizou-se assim, este relatório que permite analisar o meu desempenho enquanto educadora/professora em fase de crescimento e aprendizagem profissional.

Palavras-chave: Estágio Pedagógico; Corpo; Movimento; Dança; Atividade Física; Ensino - Aprendizagem; Interdisciplinaridade.

Abstract

This Internship Report developed in the framework of the Master's Degree in Preschool Education and 1. ° Cycle of Primary Education, aims to report the contexts of pedagogical internship, listing a set of supervised practices and a study that highlight the importance of learning carried out through the exploration of the body, dance movement, this is in physical activity practices.

In the pedagogical stages I and II, connected to the component of the supervised pedagogical practice, several activities on the subject were used in the context of the classroom, during the in-person classes and in the context of distance learning (held in May and June 2020). Through the behavior and learning acquired by the children, we verified that the playful-dynamic strategies used by the intern were beneficial and had a positive contribution, as will be explained throughout this report.

As a way to reinforce the investigative aspect of the internship, a brief study was developed based on the perspectives of family members (n=80) on the daily practices of Movement and Dance of their students, a group of Azorean children, in two educational moments - normal education and teaching in a period of 1st confinement.

.This study allowed me to enhance my training, since through it it was possible to check the importance of physical activity, not only for children, but for society in general, and the place of movement and dance in this stage of schooling.

In the end this report, allows me to analyze my performance as an educator/teacher in a phase of professional growth and learning.

Keywords: Internship Pedagogical, Body; Movement; Dance; Physical activity; Teaching - Learning; Interdisciplinarity

Índice Geral

Agradecimentos	3
Resumo	4
Abstract	5
Introdução	11
Capítulo - Motivações e Enquadramento Teórico	13
Introdução	13
1. A Profissão de Educador/Professor - uma profissão em transformação entre a Escola e a Família	15
1.1. Habilitações para a Docência	15
1.2. As Experiências de um Estagiário nas Escolas de Formação	17
1.2.1. Observar a criança/aluno.	19
1.2.2. Planificar para melhorar oportunidades de aprendizagem	19
1.2.3. Refletir e Avaliar - Um desafio da Atualidade	21
1.3. Da Escola Presencial à Escola Virtual	23
1.3.1. Mudanças Atuais Impostas ao Ensino-Aprendizagem	23
1.3.2. O Papel da Família no Apoio à Escola e no Desenvolvimento e na Construção do Conhecimento pela Criança	24
2. A Criança, o Corpo e o Movimento - o desenvolvimento pela Dança e Educação Física	27
Capítulo II - O estágio pedagógico	31
Introdução	31
3. O estágio na educação pré-escolar	33
3.1. Caracterização do Contexto Educativo no Pré-Escolar	33
3.1.1. Caracterização do meio	33
3.1.2. Caraterização da escola	33
3.2. Caracterização da sala e das rotinas	36
3.2.1. Organização do espaço - sala	36
3.2.2. Organização do tempo - rotinas	38
3.3. Caracterização do Grupo de Crianças	39
3.4. Intervenção Educativa da Estagiária no Pré-escolar	42
3.4.1. Descrição e Análise das Atividades de Movimento e Dança Implementadas em Contexto de Estágio	44
4. O Estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico	54
4.1. Caracterização Contexto Educativo no 1.ºCEB	54
4.1.1. Caraterização do meio	54
4.1.2. Caracterização da escola	55

4.1.3. Caracterização do Grupo de Crianças	57
4.2. O Ensino à Distância no Período de Pandemia	58
4.2.1. Proposta de Plano de Ensino à Distância - Departamento do 1.º ciclo	58
4.2.2. Ensino à Distância no Grupo de Crianças	59
4.3. Intervenção Educativa da Estagiária no 1.º Ciclo	61
Implementadas em Contexto de Estágio	63
Capítulo III - O Nosso Estudo	71
Introdução	71
5. A Perspetiva dos Familiares sobre as Práticas Quotidianas de Movimento e Dança de um Grupo de Crianças, em dois Contextos Educativos – Normal e Período de Confinamento	72
5.1. Enquadramento do Estudo	72
5.2. Métodos e Procedimentos	76
5.2.1. Os Objetivos do Estudo	76
5.2.2. Instrumento e Análise de Dados	76
5.3. Apresentação dos Resultados e Discussão	77
Conclusão	85
Considerações finais	87
Referências Bibliográficas	90
Anexos	94

Índice de Imagens

Imagem 1 - A Escola.....	35
Imagem 2 - A sala.....	37
Imagem 3 - Grupo de Crianças.....	39
Imagem 4 - Crianças a Brincar no momento de Aquecimento.....	45
Imagem 5 - Equipamentos do Espaço Lúdico do PA com piso sintético	46
Imagem 6 - Relaxamento.....	46
Imagem 7 - A Lenda de São Martinho – Percurso	49
Imagem 8 - Coreografia	52
Imagem 9 - Escola 1.ºCEB	56
Imagem 10 - A turma	58
Imagem 11 - vídeo de exploração da música	64
Imagem 12 - Explicação da atividade	66
Imagem 13 - Os jogos de movimento em reação ao apito	67
Imagem 14 - Ritmos criados	69
Imagem 15 - Deslocamentos e Equilíbrios	79
Imagem 16 - Perícias e Manipulações.....	79

Índice de Quadros

Quadro 1 - Atividades do Estágio em Educação Pré-Escolar.....	43
Quadro 2 - Seleção das intervenções de Movimento e Dança implementadas no Pré-escolar.....	44
Quadro 3 - Atividades Implementadas no Estágio do 1.º Ciclo do Ensino Básico (Ensino à distância e presencial)	62
Quadro 4 - Seleção das intervenções de Movimento e Dança implementadas no 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	63

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Ilha em que se localiza a escola dos Educandos	77
Gráfico 2 - O impacto que a quarentena teve na vida dos seus educandos na perspetiva dos familiares	78
Gráfico 3 - Atividades extracurriculares praticadas pelas crianças.....	82
Gráfico 4 - Respostas à pergunta “Se dissesse ao seu educando que amanhã podia retomar a sua vida normal, qual acha que seria a atividade de movimento que ele mais iria gostar de fazer?”	83

Índice de Tabelas

Tabela 1. - Apoio dos Professores na Prática de AF dos seus Educandos, no Período Pandémico	81
Tabela 2. - Apoio dos Pais na Prática de AF dos seus Educandos em Casa e tipo de atividades	82

Índice de Anexos

Anexo 1 - Exemplo de Planificação para a Educação Pré-Escolar	95
Anexo 2 - Exemplo de grelha de avaliação para a Educação Pré- Escolar	100
Anexo 3 - Exemplo de Planificação para o 1.º CEB	102
Anexo 4 - Exemplo de grelha de avaliação para o 1.º CEB.....	103
Anexo 5 - Questionário	104

Lista de Siglas

1.º CEB – 1.º Ciclo do Ensino Básico

AF – Atividade Física

ATL – Atividades de Tempos Livres

DGE – Direção Geral de Educação

EEFM – Expressão e Educação Físico Motora

EF – Educação Física

EPE – Educação Pré-Escolar

NEE – Necessidades Educativas Especiais

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

OMS – Organização Mundial de Saúde

RAA – Região Autónoma dos Açores

SGE - Sistema de Gestão Escolar

TIC - Tecnologias da informação e comunicação

Introdução

O presente Relatório de Estágio surge no âmbito do Curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e tem o propósito de obtenção do grau de mestre na área de especialidade. O documento aponta o relato, a descrição e reflexão de práticas educativas desenvolvidas no contexto de estágio realizado nas unidades curriculares de Estágio I e II, que decorreram no ano letivo de 2019/2020, tendo o segundo estágio, relativo ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, ocorrido durante o período Pandémico, devido à Covid-19.

O tema escolhido para aprofundar ao longo da prática pedagógica intitula-se: “Aprender com as expressões a partir do corpo, movimento e dança: Uma abordagem realizada em contexto de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo”, sendo que, na minha opinião, a dança, uma forma de expressão, é uma área das expressões artísticas facilitadora de aprendizagens, podendo ser facilmente articulada com outras áreas de conhecimento, ao nível da Educação Pré-Escolar: Conhecimento do Mundo e Área das Comunicação (Matemática, Português, Educação Física, Expressão Musical, Expressão Dramática) ao nível do 1.º Ciclo do Ensino Básico: Estudo do Meio, Português e Educação Física.

A preferência por esta temática, deve-se essencialmente às minhas vivências e experiências enquanto criança/ adolescente, membro de um grupo de dança, sendo que a partir destas pude constatar que através do movimento, além de desenvolver e aperfeiçoar capacidades motoras também são adquiridas aprendizagens patentes em diferentes áreas de conhecimento presentes no currículo da infância e da educação básica. Pela dança, as crianças poderão aperfeiçoar ainda capacidades físicas, corporais e coordenativas, bem como, melhorar as capacidades cognitivas, como a concentração, memória, havendo também um desenvolvimento da criatividade e do autoconhecimento. Segundo este meu ponto de vista, a dança é, desde cedo um impulsionador de novas aquisições, sendo assim, nesta fase de formação inicial para a profissão docente propus-me a explorá-la de forma variada, ativa e lúdica, de modo que a criança/ aluno fosse o construtor da sua própria aprendizagem.

De seguida, ir-se-á referir a estrutura deste relatório de estágio que se encontra organizado em vários capítulos.

No primeiro capítulo insere-se o enquadramento teórico do tema, onde é explorada a importância das expressões na aprendizagem das crianças a partir das OCEPE (Silva,

Marques, Mota e Rosa. 2016) e dos programas e metas do 1.º ciclo do Ensino Básico (Direção Geral de Educação - Ministério da Educação). Serão também patentes questões relacionadas com o perfil do educador/professor, bem como a sua formação, destacando aos principais requisitos para uma boa prática de ensino. Ainda neste capítulo, e decorrente das mudanças operadas, serão exploradas questões acerca da importância da família ao lado da escola, enquanto elemento fundamental na educação; bem como a importância das novas tecnologias, tão necessárias na aprendizagem em contexto virtual, promovida no contexto atual de ensino à distância. Por fim, serão apresentados fundamentos da área do movimento e conhecimento do corpo, recaindo na importância do seu ensino, quer na Educação Física, quer na Dança e de forma interdisciplinar, com outras áreas artísticas.

O segundo capítulo é relativo aos Estágios Pedagógicos I e II, aqui destaca-se a caracterização das escolas envolvidas, apresentadas com nomes fictícios, e o meio onde se inserem, as salas de aula, como também o grupo/turma de crianças. Esta parte, inclui também uma breve descrição das atividades desenvolvidas através da nossa temática, isto é, com realce no trabalho sobre o corpo, o movimento e a dança – utilizadas nas intervenções pedagógicas dos estágios, tanto para o Pré-Escolar como para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, sendo suportada com alguns registos fotográficos, uma breve análise e reflexão.

O terceiro capítulo descreve o estudo realizado sobre as perspetivas dos pais acerca da prática de atividade física dos seus educandos, quer seja em situação pandémica, quer seja em situação normal. Neste estudo percebemos as carências vivenciadas pelas crianças na fase de confinamento, em que muitas vezes o movimento foi substituído por ecrãs.

Finalizando, surgem as considerações finais deste relatório de estágio, onde haverá espaço para uma reflexão sobre as conclusões a que se chegou no estágio e no estudo, as limitações com que nos deparamos e a evolução da estagiária. Seguem-se as referências bibliográficas e os anexos, que completam o presente Relatório de Estágio.

Capítulo I

Motivações e Enquadramento Teórico

Introdução

Ser educador/professor é um sonho que carrego comigo desde tenra idade, ao longo da minha formação escolar observava os meus professores e educadores e aspirava ser como eles, ensinar e transmitir conhecimentos às pessoas de formas variadas, criativas e originais.

Roldão (2007,) refere que a função docente se caracteriza pela ação de ensinar sendo que o conceito de ensinar não é definido de modo simples e fácil, pois há diferença entre “professar um saber” e fazer os outros aprenderem alguma coisa. (p.94)

De acordo com Marcelo (2009), a profissão docente é uma “profissão do conhecimento”, sendo que são o conhecimento e o saber que legitimam tal profissão. O trabalho docente é baseado no “compromisso em transformar esse conhecimento em aprendizagens relevantes para os alunos” (p.8). Nessa perspetiva e segundo Mendes e Baccon (2015) “o professor é um profissional que trabalha com o conhecimento, e, para tanto, necessita ter compromisso com a aprendizagem discente.” (p.2).

Ao longo do meu percurso académico deparei-me com a situação pandémica, sendo que ninguém estava à espera de um cenário destes, fomos obrigados a reinventar-nos a pesquisar e a criar novas estratégias de ensino.

Com esta pandemia o mundo transformou-se e não voltará “ao normal”, pois este normal que tanto ansiamos será uma nova realidade, muito diferente do que estávamos vivendo até a pandemia da covid-19. O mundo, provavelmente, não será o mesmo. A educação e os professores também não.

Apesar de sempre se ter reforçado a importância da colaboração entre famílias e escolas, hoje em dia com o surgimento desta pandemia as crianças necessitam, ainda mais, de um suporte para atividades do dia-a-dia. Para que as crianças consigam desenvolver o raciocínio e ter um aprendizado efetivo, é fundamental que seja empregue um esforço conjunto em prol dos pequenos.

Condessa (2015) salienta que é necessário percebermos que a criança é um ser humano complexo sendo que o seu desenvolvimento reporta três dimensões: a dimensão

física e motora, a dimensão psicológica e a dimensão social. Estas dimensões são de extrema importância no que respeita à formação da criança enquanto um ser harmonioso. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva et al., 2016), o corpo constitui a primeira etapa para a relação da criança com o mundo que a rodeia. Neste sentido, a Educação Física é entendida como uma abordagem globalizante que pretende contribuir para que a criança desenvolva a consciência e o domínio do seu corpo estabelecendo relações com o mundo e os outros. Isto diz respeito à Educação Física, à Expressão Dramática, à Educação Musical e à Dança.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Condessa (2009) refere que:

nos primeiros anos, o corpo e o movimento intervêm enquanto requisito necessário para desenvolver na criança a capacidade para comunicar sensações, emoções, ideias, mensagens; conhecer a sua corporalidade e dominar as estruturas espaço-temporais e relacionais; obter ganhos de controlo motor, autonomia, interação em grupo, capacidade para realizar jogos (de movimento, simbólicos e dramáticos), sensibilidade estética e capacidade criadora (p.268).

Neste seguimento, é a partir do seu corpo que a criança “(...) interage com o outro, potenciando o desenvolvimento de competências sociais. Pois, a criança ao dominar a sua motricidade ou ao ser capaz de praticar alguma atividade artística ou desportiva sente-se bem consigo própria, como também é vista pelos pares com reconhecimento e pelos familiares com orgulho” (Condessa e Melo, 2013, p.1096).

Na mesma linha de pensamento, afirma-se que é essencial que a expressão corporal seja estimulada a partir do nascimento da criança que, segundo Vayer (1980), tem como principal instrumento o corpo, sendo este também encarado como um objeto utilizado como forma de aprendizagem e/ou uma forma de expressão.

Neste capítulo será analisada a pesquisa bibliográfica realizada sobre o tema, sendo que aprofundar-se-á a profissão de Educador/Professor e a transformação desta mesma profissão ao longo do tempo, nesta parte serão explorados temas como as habilitações para a docência, as experiências de um estagiário aquando da sua formação, a caminhada realizada deste o ensino presencial até ao ensino virtual, a importância do papel da família para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças e, por fim, será realizada uma exploração do tema relativo ao relatório de estágio, o corpo, o movimento e a dança nas aprendizagens de cada criança, aqui dando realce aos documentos normativos.

1. A Profissão de Educador/Professor - uma profissão em transformação entre a Escola e a Família

1.1. Habilitações para a Docência

É desde cedo que carrego dentro de mim a aspiração de me tornar Educadora/Professora, com idade de 3 anos ao frequentar o pré-escolar e observar a minha Educadora sonhava tornar-me como ela e chegar a todas as crianças de forma a cativá-las para novas descobertas e aprendizagens. Este poderia ser apenas mais um sonho de criança, mas ao longo dos anos foi se fortalecendo e assim, descobri que esta era a minha vocação para o futuro profissional, ensinar, dar parte de mim a cada criança que por mim passe, ser Educadora/Professora.

A profissão de Educador/Professor deve ser escolhida por vocação. Para ser docente não basta saber os conteúdos que se vão lecionar, também é necessário saber como os ensinar de uma forma facilitadora para a aprendizagem das crianças.

Esta profissão, é para mim o que constrói todas as outras, é o Educador/Professor que fornece as bases necessárias a todas as crianças, através desta profissão pretende-se promover o crescimento/desenvolvimento dos alunos e incentivar brincadeiras e atividades positivas que fortaleçam a ligação entre professor/aluno. Como todas as outras profissões, é necessário entrega e paixão. É importante salientar que não é suficiente gostar de crianças para ingressar nesta profissão, Rabelo (2010), afirma que existe a possibilidade de que seja essa visão que leva a que a profissão seja desvalorizada. Conclui que é necessário muito mais para ser um bom profissional.

Segundo o Decreto-Lei n.º 79/2014, publicado pelo Diário da República cabe à formação do primeiro ciclo, a licenciatura, assegurar a formação de base na área da docência, por sua vez, é no segundo ciclo, no mestrado que se deve assegurar um suplemento a essa formação que fortaleça e aprofunde a formação académica, recaindo sobre os conhecimentos necessários à docência nas áreas de conteúdo e nas disciplinas abrangidas pelo grupo para que visa preparar. “Cabe igualmente ao segundo ciclo assegurar a formação educacional geral, a formação nas didáticas específicas da área da docência, a formação nas áreas cultural, social e ética e a iniciação à prática profissional, que culmina com a prática supervisionada.”

O mesmo decreto-lei reconhece a importância e o impacto da docência na

qualidade da educação, salientando, que a preparação de educadores e professores deve ser feita da forma mais rigorosa e que melhor valorize a função docente. Sublinhando ainda a “importância decisiva da formação inicial de professores e para a necessidade de essa formação ser muito exigente, em particular no conhecimento das matérias da área de docência e nas didáticas respectivas.”

Nóvoa et al. (1991) afirma que “A formação de professores é, provavelmente, a área mais sensível das mudanças em curso no sector educativo: aqui não se formam apenas profissionais; aqui produz-se uma profissão”. (p.24)

Segundo vários autores é muito difícil definir o conceito de profissionalidade do professor, pois este depende sempre dos tipos de desempenho e de conhecimentos científicos do mesmo. Para além disso, este conceito está em constantes atualizações devido à evolução da história, ou seja, da época e meio social onde está inserida.

Segundo Sacristán (1995), a imagem do professor é central na escola e, conseqüentemente, integra em si o seu comprometimento pela orientação dos processos educacionais, de acordo com o que se averigua no discurso pedagógico. Por outro lado, a elevada expectativa social sobre as escolas e conseqüente papel a ser executado pelos professores têm propagado uma indefinição de suas funções. Para o autor (Sacristán, 1995), a prática docente também conjectura decisões individuais, independentemente do facto de estar condicionada a regulações institucionais e a normas coletivas. Mais recentemente, também Gorzoni e Davis (2017) mencionam que “As exigências institucionais são respondidas pelos professores por meio de uma postura individualista, ao mesmo tempo em que os limites da autonomia lhes confrontam a invariável posição de resolução de conflitos das condições da organização, do currículo, da legislação, etc.”(p.5).

Ainda Sacristán (1995) compreende que o professor não deve ser conhecido como técnico ou improvisador, mas sim como um profissional que pode utilizar seu conhecimento e/ou experiência para se desenvolver em contextos pedagógicos práticos. A prática educativa apresenta indicativos remanescentes ao processo de ensino-aprendizagem, a ação didática e a prática pedagógica seja esta visível ou não visível, ou seja, valores, atitudes, crenças, competências, etc. Por outro lado, “A desfasagem de conhecimento da prática leva o professor a agir conforme suas crenças e mecanismos culturais em detrimento do saber pedagógico especializado.” (Gorzoni e Davis, 2017, p.6).

Segundo Roldão (2017) num tempo em que o exercício do ensino é mais complexo, difícil, mais necessário e exigente diante de requisitos de equidade social, e em tantos outros fatores é fundamental que haja um reforço da afirmação dos professores enquanto profissionais. Esta premissa concebe, um necessário

“debate sobre os modos como a formação dos docentes se constitui enquanto indutora de desenvolvimento profissional ou, pelo contrário, favorecedora de um esbatimento da autoria e responsabilidade dos professores em face do permanente percurso de reconstrução do saber necessário à sua acção.”(p.5)

À parte do declínio do *status* social da profissão de docente como se indicia na contemporaneidade, também se verificou um acréscimo de responsabilidade na sua formação e desenvolvimento profissional.

Para Roldão (2017), a função de ensinar, existente neste grupo de profissionais, docentes, prende-se a múltiplos significados que historicamente se foram desenvolvendo, inevitavelmente ideologizados e forçosamente não neutros, carregando alguns paradoxos. “O ato de ensinar, analisado na sua configuração atual em contexto escolar e curricular, efetua a mediação entre dois polos: o conhecimento” seja de natureza de conteúdos, processos ou atitudes e o “aprendente junto de quem se pretende fazer adquirir o conhecimento em causa.

Neste sentido, com o atual documento de relatório da unidade curricular relativa à prática de ensino supervisionada, previsto no regime jurídico da habilitação profissional para a docência na educação pré-escolar e no ensino básico, pretendo descrever e analisar um conjunto de práticas relacionadas com o ensino em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo.

1.2. As Experiências de um Estagiário nas Escolas de Formação

No decorrer dos anos, antes de ingressar na Universidade, apercebi-me através de várias experiências (trabalho como auxiliar de educação numa creche e treinos de dança) que tinha o perfil para ingressar no curso da Educação Básica e especializar-me em Educação Pré-Escolar, mais tarde, já na Universidade e após a unidade curricular “Iniciação à prática profissional em 1.º Ciclo do Ensino Básico” apercebi-me da paixão pelo ensinar crianças mais crescidas.

Sentia que este seria o futuro certo para mim, uma vez que me sentia satisfeita e

completa a educar/ensinar criança, especialmente a fazê-lo através da arte, nomeadamente com a exploração do corpo, do movimento, da dança, bem como de materiais e a sua construção, como forma de estratégias e metodologias que ajudam a cativar o interesse das crianças para adquirirem uma aprendizagem mais significativa.

Segundo Perrenoud (2002), o educador e o professor “(...) não evocam exactamente a mesma função (...)” mas ambos “(...) designam uma prática que consiste em fazer aprender condições, dispositivos e situações didácticas, em favor de uma relação pedagógica com os “aprendentes” potenciais e, em geral, no quadro de uma ou mais comunidades educativas” (pág. 59). Existem semelhanças entre estas duas profissões, sendo que as duas requerem vocação e paixão, paciência e versatilidade para encontrar diferentes estratégias para ensinar todos os alunos, dar bons exemplos a cada uma das crianças, construir uma boa relação com e entre alunos, preparação antecipada de trabalhos e atividades de modo a conseguir um bom resultado no desenvolvimento das crianças.

No entanto são também reconhecidas algumas diferenças, uma vez que as idades diferem, o género de atividades e a própria relação entre educador e criança, no Pré-Escolar tem de ser muito mais socio-afetiva, enquanto a relação entre professor de 1.º Ciclo e aluno, independentemente de envolver também afeto, tem de ser mais madura, pois nesta fase, vai-se preparando, cada vez mais, o aluno para ser um bom cidadão, levando-o a obter mais deveres e responsabilidades de forma a adquirir uma maior maturidade para apreender os conteúdos abordados no 1.º Ciclo que o prepararão para a sua vida futura.

O artigo 11.º do Decreto-Lei n.º 79/2014, quando aborda a iniciação à prática profissional e a sua organização, propõe que nas instituições de educação de infância ou nas escolas se inclua, entre outras ações: observação, experiências de planificação, ensino e avaliação, de acordo com as funções cometidas ao docente, dentro e fora da sala de aula, numa perspetiva de desenvolvimento profissional orientada para a permanente melhoria da aprendizagem dos seus alunos. Neste sentido, propomos de seguida a análise de alguns destes procedimentos que nos acompanharam na nossa formação inicial.

1.2.1. Observar a criança/aluno.

Tal como o nome sugere, a observação serve para observar as crianças no ambiente de sala de aula e a sua evolução, não só na relação entre elas, mas também verificar a disposição dos materiais na sala de aula e interação das crianças com eles, adquirindo algumas informações para avaliar e refletir na prática educativa (Silva et al, 2016).

Seguindo a opinião de Shulman (1986) citado por Gonçalves (2006) enquanto estiver em formação, o futuro professor, deve ter a capacidade de se observar e conhecer-se, de modo a dar sentido à sua formação. Nesta linha de pensamento, “Diríamos então que a observação e análise da relação educativa é, na formação de professores, simultaneamente, uma necessidade e uma obrigação pessoal”. (Gonçalves, 2006, p.33). Assim sendo, “principalmente na sua dimensão autoscópica, constituem-se como um instrumento privilegiado para proporcionar ao professor ter consciência não só da sua acção mas também, e essencialmente, da organização da mesma (...)” (Ibidem).

A observação é, assim, a base para o seguimento das exigências fundamentais para a formação de um bom profissional, pois se “Soubermos observar saberemos compreender; se soubermos compreender saberemos intervir e se soubermos intervir saberemos melhorar, estaremos a conferir ao exercício da observação e análise da relação educativa o seu verdadeiro estatuto de instrumento de desenvolvimento pessoal/profissional do formando” (Gonçalves, 2001 citado por Gonçalves, 2006, p.70).

1.2.2. Planificar para melhorar oportunidades de aprendizagem

Posteriormente, e de acordo com o que se observou, nomeadamente o comportamento, os gostos/ interesses e capacidades das crianças, é essencial preparar as atividades, planeá-las de acordo com o grau de desenvolvimento do grupo de criança de modo que elas possam adquirir mais conhecimento.

Segundo Vilar (1993) a planificação é “um «instrumento» cuja finalidade consiste em otimizar a prática educativa” (p.5), este serve como um orientador das atividades programadas e dos recursos necessários para a realização das mesmas. Assim, segundo o mesmo autor é necessário refletir antecipadamente sobre a forma como se irá preparar a

atividade e implementá-la na prática educativa escolar, formando assim uma planificação, que deverá ser apoiada em princípios teóricos – curriculares e pedagógico-didáticos (p.5).

De acordo com Vaz (2011) “O acto de planificar estimula no professor capacidades de estruturação e de descoberta de diferentes estratégias nos contextos sócio - educativos, proporcionando-lhe experiências de aprendizagem significativas e integradoras de acordo com os seus interesses e necessidades, assim como, oferecer continuidade ao processo de ensino - aprendizagem” (p.16).

Segundo Zabalza (1987 citado por Vilar, 1993) num processo de planificação encontramos sempre:

- “um conjunto de conhecimentos, ideias ou experiências sobre o fenómeno a organizar, que atuarão como apoio conceptual e de justificação do que se decide;
- um propósito, fim ou meta a alcançar que configura o sentido a seguir;
- uma previsão a respeito do processo a seguir que deverá concretizar-se numa estratégia de procedimento em que se incluem os conteúdos ou tarefas a realizar, a sequência das atividades e algumas notas para a avaliação.” (p.22).

É neste seguimento que a planificação se expõe como um determinante para o sucesso educativo, uma vez que cinge a reflexão de todos os aspetos da ação (Zabalza, 2003). De acordo com este autor, é importante refletir sobre algumas questões, como “o que se pretende planificar?”, “o que se deve ter em conta quando se planifica?”, “o que se faz quando se planifica?”, ou “o que pode influenciar a planificação?”. Todas estas questões são terminantes na planificação, uma vez que definem **o quê, porquê, como e quando** esta deve ocorrer.

De acordo com Zabalza (2003), planificar consiste em:

converter uma ideia ou um propósito num curso de ação. Prever possíveis cursos de ação de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projeto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias acerca das razões pelas quais desejaríamos conseguir, e como poderíamos levar a cabo, um plano para as concretizar (Zabalza, 2003, pp. 47-48).

É na planificação que o professor esclarece tudo o que vai ser ensinado/aprendido, como, quando, porquê e para quem.

Ao planificar, o professor está a desconstruir o currículo, adaptando-o ao grupo de crianças em que está inserido e ao seu meio envolvente. É também na planificação que são tomadas decisões e que são estabelecidos objetivos

É na fase de planificação que são maioritariamente tomadas as decisões, são estabelecidos os objetivos, as atividades e o tempo de realização para cada uma delas, as formas de avaliação para verificar se os objetivos foram alcançados, os materiais necessários, os modos de trabalho dos alunos e a abordagem das áreas são também pensados os imprevistos, entre outras coisas que podem estar inerentes às atividades planificadas.

1.2.3. Refletir e Avaliar - Um desafio da Atualidade

Após a implementação das atividades planificadas o professor deverá refletir e avaliar como correu e como poderia melhorar para a próxima, tentando melhorar o seu desempenho de forma a verificar-se dos comportamentos e aprendizagens dos alunos.

Zeichner (1993) defende que a acção reflexiva é oriunda dos professores pois

é uma acção que implica uma consideração activa, persistente e cuidadosa daquilo em que se acredita ou que se pratica, à luz dos motivos que o justificam e das consequências a que conduz. Não é, portanto, nenhum conjunto de técnicas que possamos empacotar e ensinar aos professores (p. 18)

O sistema escolar utiliza a avaliação como um instrumento que deve acompanhar todos os passos do processo de ensino e aprendizagem. Esta avaliação diferencia-se em três categorias: a avaliação prognóstica, formativa e sumativa, no entanto neste momento, e considerando a nossa etapa de formação, focar-nos-emos nos *feedbacks* (avaliação de retorno) dados pelos professores aquando da avaliação formativa.

A avaliação é assim uma atividade onde se agrupam práticas sociais como também é um meio de reflexão teórica, concetual, de investigação e pesquisa.

De acordo com Scriven (1967, citado por Leite, 2012), a avaliação formativa permitiria tomar decisões no decorrer do processo escolar, sendo prioritária a avaliação dos processos ao invés da avaliação dos resultados. Foi também com este autor que surgiu a distinção ente a avaliação formativa e a avaliação sumativa para que sejam observados não só os resultados previstos como também os resultados imprevistos. Scriven defende ainda que todos os alunos têm a hipótese de aprender através de um ensino individualizado.

Ao contrário do que ocorria anteriormente, nos dias de hoje espera-se que os alunos sejam avaliados de acordo com as suas competências e não na aglomeração do saber, espera-se também que ao final de cada etapa, os alunos consigam interligar os

vários saberes a fim de resolverem problemas do dia-a-dia.

Neste sentido, e segundo Leite (2012) a escola e, especificamente, a avaliação “é um processo de reflexão que tende a valorizar as situações positivas alicerçada ao desenvolvimento de competências e não apenas para cumprir objetivos.” (Leite, 2012, p.27).

Nóvoa (1992) menciona que os professores têm vindo a basear grande parte da autoridade pedagógica, no exercício da avaliação, assim sendo, a avaliação é muitas vezes vista como uma prática do exercício de autoridade por parte do professor em que os alunos e, por consequente, seus pais, analisam o próprio reflexo do desempenho escolar.

No despacho normativo n.º 98 – A/92, de 20 de junho, segundo Avões, surgiu a avaliação formativa nas escolas, fazendo com que se diminuísse a carga excessiva da avaliação sumativa. Com esta prática, e segundo Fernandes (2005, citado por Avões, 2015) buscava-se uma prática mais autêntica, contextualizada, formadora, reguladora e educativa na avaliação, cujo centro era os alunos, permitindo que houvesse diferenciação nos percursos de formação, se superasse dificuldades e melhorasse as aprendizagens.

Este contexto de avaliação formativa sofreu várias alterações, tendo evoluído ao longo dos anos.

Nos dias de hoje, na legislação portuguesa, a avaliação formativa é, de acordo com o Despacho normativo n.º 1/2005, de 5 de janeiro, “assumida como a principal modalidade de avaliação do ensino básico, visando a regulação do ensino e da aprendizagem, desenvolvida pelo professor em comunicação com os alunos.” (Avões, 2015, p.7). Esta é uma avaliação interativa associada a processos de *feedback*, sejam eles de regulação, autoavaliação ou de autorregulação das aprendizagens. (Fernandes, 2006, citado por Avões, 2015).

Segundo Avões (2015), “o feedback dado pelos professores às produções dos alunos é considerado por diversos autores como uma influência poderosa no modo como os alunos aprendem.” (p.i). Ainda segundo o mesmo autor, este defende que tem se vindo a comprovar um aumento do interesse no envolvimento dos alunos nas escolas, na medida em que este é visto como uma resolução para vários problemas presentes nas escolas da atualidade, nomeadamente, os baixos desempenhos e o abandono escolar.

1.3. Da Escola Presencial à Escola Virtual

1.3.1. Mudanças Atuais Impostas ao Ensino-Aprendizagem

Com o surgimento da pandemia do COVID-19, em pleno ano letivo de 2019/2020, deparamo-nos com uma nova realidade, uma situação mundial que obrigou as sociedades a adaptarem-se e a escola e a família a terem que repensar nas suas rotinas e estratégias de intervenção educativa. Apesar de todas as dificuldades atravessadas nesta altura, existiram grandes conquistas, sendo uma delas a perceção de que o processo educativo não se cinge apenas ao espaço físico da sala de aulas, esta conquista será benéfica para que, futuramente se possa replanear/repensar a maneira de ensinar e de aprender.

O isolamento social pelo qual a sociedade passou foi algo inesperado que acarretou repercussões em vários aspetos da vida: sociais, económicos, políticos, culturais, tecnológicos e na saúde. Teve um grande impacto no processo educativo, em todas as suas etapas e níveis de formação, principalmente no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem das crianças, gerando-se muitas incertezas e novas adaptações.

Segundo Osório (2020) “Para a educação, como atividade eminentemente comunicacional, a retenção, repentina e inesperada, das pessoas nas suas casas, impedidas de se encontrarem nos espaços e instituições educativas, resultou numa situação difícil e complexa que gerou perplexidade e compreensíveis receios.” (p.213).

Das salas de aulas passou-se para as diversas divisões da casa, o quadro, cadernos, lápis e canetas converteram-se em ecrãs, os pais muitas vezes foram professores, os professores tiveram de se recriar e de inventar novas formas, novas estratégias de ensinar.

Neste sentido é importante destacar o avanço das novas tecnologias, da internet, das aplicações de vídeo conferência e dos telemóveis que nesta fase tão crítica abriram caminhos para a educação e tornaram-se grandes ferramentas para os processos de ensino-aprendizagem

Em Portugal, sob o lema governamental “Não paramos. Estamos ON” diversas medidas foram tomadas, nomeadamente no setor educativo, onde foi providenciado um “conjunto de recursos para apoiar as escolas na utilização de metodologias de ensino a distância que lhes permit[issem] dar continuidade aos processos de ensino e aprendizagem” (DGE, 2020).

O Professor Jorge Teixeira (2020), em relação às tecnologias, tão importantes no momento de confinamento afirma que “o digital não é o fim, é o meio”. As tecnologias

asseguram algumas das condições necessárias para que o foco das aprendizagens possa “incidir sobre a criatividade, o “porquê das coisas” e o “para quê” do esforço em aprender” (Teixeira, 2020).

O potencial educacional das novas tecnologias ganhou relevante importância face à conjuntura pandémica, torna-se também nesta fase um catalisador de pesquisas e aprendizagens interdisciplinares e, até, também transdisciplinares. É que, segundo Osório (2020) “o ensino a distância de emergência induz a necessidade de relativizar os currículos e programas padronizados, através da abordagem de temáticas mais abertas, recorrendo a metodologias diversificadas, interativas e colaborativas que, quando conseguidas, são valorizadas.”

A pandemia veio abrir-nos os olhos e fazer-nos refletir sobre tudo o que rodeia a educação, segundo Alves e Cabral (2020) “Todos dependemos de todos e não é justo esperar que tudo caia em cima dos ombros de um só, seja do professor, do aluno, da família ou de quem mais estiver envolvido.” (p.6), os mesmos autores afirmam que a educação implica colaboração e isto tornou-se evidente nesta fase tão difícil e no consequente ensino à distância. Já era evidente a necessidade de existência de Relação, visibilidade, diferenciação, colaboração, na educação, mas o vírus veio torná-las evidentes.

A escola faz-se de prática, sustentada em teoria, mas vivida em métodos, recursos e instrumentos concretos, a aplicar nas aulas reais, com os alunos de carne e osso. (Alves e Cabral,2020, p.6).

1.3.2. O Papel da Família no Apoio à Escola e no Desenvolvimento e na Construção do Conhecimento pela Criança

Ao falarmos da educação de crianças e do seu consequente desenvolvimento, podemos salientar duas importantes instituições: a família e a escola, ambas têm o único objetivo de conduzir as crianças para que se tornem adultos responsáveis com um futuro próspero.

A Educação informal, a socialização primária, é proporcionada pela família e começa desde que nascemos, no âmbito privado e mais restrito. Aqui a criança aprende a diferenciar o certo do errado, de acordo com o estabelecido na família em que está inserida, já no que toca à educação formal ou secundária, esta é oferecida na escola.

Todavia, existem características que fazem com que estes “contextos educativos” possuam objetivos, organizações e funções diferentes.

Para Silva et al (2016)

A relação que o/a educador/a estabelece com cada família centra-se na criança e tem em conta que são coeducadores da mesma criança. Esta relação assenta numa comunicação que se realiza através de trocas informais (orais ou escritas) ou em momentos planeados (reuniões com cada família) (p. 28)

Em casa, no seio familiar, as relações são, normalmente, assimétricas, uma vez que os pais têm mais autoridade e poder que os filhos, neste contexto as relações conservam-se, uma vez que os pais nunca deixam de ser pais assim como os filhos nunca deixam de ser filhos, o mesmo não ocorre numa instituição de ensino, na escola, onde a manutenção de relações depende das atitudes de cada um. O espaço não é mais de intimidade, mas sim público.

Na escola, as crianças são vistas como alunos, existe uma passagem da vida privada para a vida coletiva.

Segundo Costa (2011) “O diálogo entre a família e a escola, tende a colaborar para um equilíbrio no desempenho escolar, o que é possível considerar que a criança e os pais trazem consigo uma ligação íntima com o desempenho.” (p.10).

Ressalvando os aspetos pedagógicos da família, Nogueira (1998) elucida que o desenvolvimento escolar dos filhos pode ser influenciado pela participação dos pais na vida escolar dos filhos. Esta relação entre os pais e a escola deve beneficiar a reflexão sobre diversos aspetos pedagógicos.

É comum ouvir-se na nossa sociedade, o velho provérbio “Pais educam, escolas ensinam”, Costa (2011), salienta que “é um engano atribuir à escola a total responsabilidade pelo desempenho escolar das crianças. Pesquisas em todo mundo mostram que o envolvimento da família na vida escolar dos filhos é vital para o desenvolvimento deles.” (p.11). A cooperação entre pais e professores é fundamental, tanto que por todo o mundo são tomadas medidas para que haja a presença dos pais na rotina escolar das crianças investem em medidas para incentivar a presença dos pais/familiares na rotina da escola. “Demonstrar interesse pelo aprendizado do filho, independente do nível socioeconômico, é o primeiro passo para que ele melhore na escola.” (Costa, 2011, p.11).

Outro aspeto a ser salientado, é o significado da escola no contexto da família ao longo do tempo. Uma vez que essa irá dar continuidade na educação dos filhos, sem se

tornar responsável por esse processo, já que a responsabilidade maior deve ser do núcleo familiar. Segundo Kaloustian (1988, citado por Casarin, 2007), “É a família que propicia a construção dos laços afetivos e a satisfação das necessidades no desenvolvimento dos filhos. Ela desempenha um papel decisivo na socialização e educação.” (p.21). É através da família que as crianças adquirem os primeiros saberes e onde aprofundam os valores transmitidos no seio familiar. Gokhale (1980, citado por Cesarin, 2007) afirma que “a família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social.” Acrescenta, ainda que a “educação bem-sucedida da criança vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo escolar. A família tem sido, e será, a matriz mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas.” (p.21).

Perante o supramencionado, salienta-se que tanto a família como a escola têm um papel a cumprir na constituição e desenvolvimento das crianças, a identidade de cada uma é construída gradualmente como cidadãs ativas no meio social. Quanto mais oportunidades, quanto mais estratégias forem utilizadas para atrair a família para o ambiente escolar, maiores serão as oportunidades para que seja desenvolvida uma educação com qualidade.

Atualmente, desde o início da situação pandémica o lugar da parentalidade no seio da educação das suas crianças assumiu um novo reforço, com responsabilidades acrescidas no reforço ao seu desenvolvimento (cognitivo, socio emocional e psicomotor) mas também no apoio à aquisição de novos conhecimento e competências. Ao lado do educador/ professor também a família deve agora contribuir para a intencionalidade educativa, dando sentido à ação dos seus educandos.

2. A Criança, o Corpo e o Movimento –o desenvolvimento pela Dança e Educação Física

“Sob o estímulo da alegria, o homem faz palavras, estas palavras não bastam; ele as prolonga. As palavras prolongadas não bastam; ele as modula. As palavras moduladas não bastam e, sem percebê-lo, suas mãos gesticulam e seus pés começam a mover-se. É a Dança” (Provérbio Chinês).

Desde cedo, a criança começa a expressar-se através do corpo, inicialmente, a partir de movimentos simples dos braços, pernas e conquistas do domínio postural passando, posteriormente, para movimentos padrões como o gatinhar e mais tarde andar Almeida (2016), afirma que desenvolver a musicalidade e a expressão corporal na educação infantil é essencial, não só para trabalhar atividades que envolvam música e dança, mas também para o reconhecimento de seu corpo, de suas possibilidades e limitações espaciais, temporais e laterais.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva et al., 2016), a expressão motora articula-se à dança e à expressão musical, favorecendo vivências de situações expressivas e de movimento criativo, utilizando imagens, sons, palavras e acompanhamento musical, isto tudo se liga com a Linguagem Oral, na identificação e designação das diferentes partes do corpo, e com a matemática, na representação e orientação do espaço.

Para estes autores

Numa perspectiva de construção articulada do saber em que a criança é sujeito da aprendizagem, a Educação Física, como abordagem globalizante, possibilita-lhe um desenvolvimento progressivo da consciência e do domínio do seu corpo e, ainda, o prazer do movimento numa relação consigo própria, com o espaço, com os outros e com os objetos. (p. 43)

Neste sentido, nas OCEPE, Silva et al. (2016) preveem a observação nas crianças de variadas aprendizagens das quais destacamos duas para a Educação Física e duas para a dança, nomeadamente: 1. Demonstra gosto pelas atividades físicas, procurando progredir a partir do que já é capaz de fazer; 2. Se apropria da diversidade de

possibilidades motoras, criando ou imaginando outras, propondo-as ao grupo (p.46); assim como, 3. Desenvolver o sentido rítmico e de relação do corpo com o espaço e com os outros; 4. Expressar, através da dança, sentimentos e emoções em diferentes situações; (p.58).

Na Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1.º Ciclo, na abordagem à Expressão e Educação Físico-Motora, o Bloco 2- tem como título “Deslocamentos e equilíbrios”, e refere que se devem “realizar acções motoras básicas de deslocamento, no solo e em aparelhos, segundo uma estrutura rítmica, encadeamento, ou combinação de movimentos, coordenando a sua acção para aproveitar as qualidades motoras possibilitadas pela situação.” o Bloco 6 – intitula-se “Actividades Rítmicas Expressivas (Dança)”, sendo que o principal objetivo é “Combinar deslocamentos, movimentos não locomotores e equilíbrios adequados à expressão de motivos ou temas combinados com os colegas e professor, de acordo com a estrutura rítmica e melodia de composições musicais.”.

No que diz respeito à Expressão e Educação Dramática, o Bloco 1 intitula-se “Jogos de Expressão” sendo que refere que devemos criar situações de exploração das diferentes partes do corpo, “a variedade e a riqueza de sugestões, a nível do imaginário, devem ser características das situações propostas para explorar as possibilidades expressivas do corpo. Através de jogos de imaginação, todos do agrado das crianças, deverão ser vivenciadas diferentes formas e atitudes corporais assim como maneiras pessoais de desenvolver um movimento”. Na abordagem à Expressão e Educação Dramática, O Bloco 2 -“Jogos Dramáticos” referente à linguagem não-verbal, “num jogo dramático estão sempre presentes os sinais exteriores do corpo no espaço, através da mímica, dos gestos, das atitudes, dos movimentos e da utilização de objectos. As crianças em interacção, irão explorando a dimensão não-verbal em improvisações que poderão partir de histórias, contos ou situações dramatizadas”. Por último, referente à Expressão e Educação Musical, o Bloco 1 – Jogos de Exploração faz referência ao corpo como um recurso a desenvolver; “sentir, no corpo em movimento, o som e a música é, na criança, uma forma privilegiada e natural de expressar e comunicar cineticamente o que ouve.” Este bloco salienta, ainda que “movimento, a dança, a percussão corporal são meios de que o professor dispõe para, com pleno agrado das crianças, desenvolver a sua musicalidade.

Pode-se dizer, portanto que todas as crianças sabem dançar, sendo que a dança

poderá ser descrita como a poesia do movimento”, neste sentido, a dança da criança é mais rica quando provém de vivências emocionais e imaginativas fortes.

O Currículo Nacional do Ensino Básico, referente à dança, afirma que dançar é humano, que é uma atividade mágica, baseada na energia humana, enquanto movimento produzido pelo corpo. A dança envolve o pensamento, a sensibilidade e o corpo, no seu agir, explorando a natureza de cada indivíduo. O mesmo documento afirma que em contexto escolar podemos ver a dança como um mecanismo favorecido para estimular o aluno a expressar-se, a pensar, a compreender através do movimento.

“O movimento humano está fortemente impregnado de significados e emoções, mostra-nos os valores, as atitudes, as crenças de uma cultura através da produção física de acções, gestos e posturas.” A dança traduz-se assim na “possibilidade de aprendizagem de uma linguagem, enraizada na realidade sociocultural, que propõe ao aluno um universo rico de comunicabilidade através da materialidade do corpo, capaz também de produzir conceitos de maior elaboração, (...)”

Ainda no mesmo documento podemos conferir o realce que se dá à dança enquanto vocação interdisciplinas, “por exemplo, a sua relação ancestral com a música, que propõe contactos com o ritmo, a dinâmica e a matemática. Ou o caso das relações entre a dança e o espaço, podendo facilmente transitar para áreas como a geometria, geografia e mesmo a arquitectura” (Currículo Nacional do Ensino Básico, Dança, p. 184.)

Condessa (2006a) menciona que o movimento, que se traduz em qualquer forma de deslocamento ou alteração do corpo, é uma manifestação natural para a criança. Desta forma, é tarefa dos educadores e professores, promover uma motricidade voltada para a criatividade. Assim, deve-se conceber situações de aprendizagem que envolvam a linguagem corporal e movimentos perceptivos/expressivos.

Cunha e Kuhn (2016, p.598), salientam que “A criança expressa-se pelo movimento e o movimento possibilita que ela questione o mundo da vida e a realidade.”. Acrescentam, ainda, que “Em estado de liberdade e intencionalidade fenomenológica, o pequeno ser humano expressa-se estabelecendo um diálogo e constitui-se, ao mesmo tempo, um ser autónomo e criativo”, os mesmos autores afirmam que “É na totalidade do envolvimento corporal, no seu movimentar, que a criança realmente toma consciência de si e do mundo. Esta consciência, por sua vez, desenvolve um senso de eu que promove a criatividade autónoma” (p.598).

Neste sentido, salienta-se, também que deve-se ensinar práticas físico-motoras em

ambientes da cultura lúdica do brincar, que para (Silva et. al, 2016, p. 10) enquanto “atividade natural da iniciativa da criança que revela a sua forma holística de aprender” possibilitando na infância uma verdadeira articulação entre áreas de desenvolvimento e aprendizagem. Assim, o brincar e o jogo assumem papéis essenciais no desenvolvimento da criança. Realce-se que o jogo é também um princípio inerente à criança. Neto (2009) afirma que “O brincar vive-se, experimenta-se e dificilmente se explica. A magia do jogo percorre todas as idades com situações e significados diferentes”. Na visão do autor, “A procura do desconhecido e da aventura é um risco que estrutura o ser humano no plano físico, cognitivo, preceptivo, simbólico e social”. (p.19)

Verifica-se que várias vantagens no desenvolvimento humano são promovidas através das brincadeiras e dos jogos, nomeadamente, “na estruturação do cérebro e respetivos mecanismos neurais; na evolução da linguagem e literacia; na capacidade de adaptação física e motora; na estruturação cognitiva e resolução de problemas; nos processos de sociabilização; e, finalmente, na construção da imagem de si próprio, capacidade criativa e controlo emocional.” (Neto, 2009, p.20)

Por outro lado, a partir da Educação Física na EPE, ou Educação e Expressão Físico-Motora no 1.º Ciclo são criadas condições de exploração e criação de movimento, realizado no espaço amplo e com recurso a variados materiais, criando de forma responsável e autónoma hábitos de vida saudável, situação que assumiu mais importância, neste período pandémico, pelo novo contexto educacional.

Capítulo II – O estágio pedagógico

Introdução

Neste capítulo serão narrados os dois estágios pedagógicos realizados no 2.º ano do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores.

O Decreto-Lei n.º 79/2014, que define o regime jurídico da habilitação profissional para a docência na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário, reconhece que cabe ao segundo ano de mestrado “assegurar a formação educacional geral, a formação nas didáticas específicas da área da docência, a formação nas áreas cultural, social e ética e a iniciação à prática profissional, que culmina com a prática supervisionada.” É no ponto 2.º do artigo 11.º deste documento que fica definido que a prática supervisionada, correspondente ao estágio de natureza profissional, é objeto também de relatório final onde se explicitam as ações do estagiário e as suas experiências (planificação, observação e ensino) no contexto educativo e de sala de aula.

Todos os nomes mencionados no presente capítulo são fictícios de forma a salvaguardar o anonimato das escolas e dos educadores/professores cooperantes e orientadores. Portanto, o Estágio Pedagógico I, da Educação Pré-escolar, decorreu na Escola *Unicórnio* com um grupo de crianças do Pré-Escolar, tendo a Maria Goulart como educadora cooperante da escola e a Fátima como orientadora da Universidade. Foi feita uma apreciação ao grupo de crianças do Pré-Escolar e, de comum acordo entre todas, constatou-se que o grupo do Pré-escolar era um grupo muito desenvolvido com vontade e interesse em aprender, para que não perdessem este interesse procurou-se arranjar estratégias diversificadas tendo como guia as Orientações Curriculares de Educação Pré-Escolar (OCEPE) mais atuais (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016) e as orientações da educadora cooperante.

Segundo as OCEPE (Silva *et al.*, 2016) “as relações e as interações que a criança estabelece com adultos e com outras crianças, assim como as experiências que lhe são proporcionadas pelos contextos sociais e físicos em que vive constituem oportunidades de aprendizagem, que vão contribuir para o seu desenvolvimento.” Deste forma e de acordo com este documento orientador a aprendizagem “influencia e é influenciada pelo processo de desenvolvimento físico e psicológico da criança, sobretudo numa fase da vida

em que essa evolução é muito rápida. Por isso, em educação de infância, não se pode dissociar desenvolvimento e aprendizagem.” (Silva *et al.*, 2016, p. 8)

O Estágio Pedagógico II, do 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.ºCEB), decorreu na Escola *Borboleta* numa turma de 2.º/3.º ano do 1.º CEB, tendo a Ana Carolina como professora cooperante e a Joana Inácio como orientadora de Universidade. Salienta-se que o estágio em 1.º Ciclo iniciou com uma turma de 2.º ano sendo que foram lecionadas aulas à distância e, posteriormente já com a mesma turma no 3.º ano realizou-se 2 meses de estágio, este processo ocorreu aquando do 1.º momento de confinamento devido à pandemia causada pelo Covid-19 (a partir de março de 2021). Registamos que os alunos tinham muitas dificuldades e falta de interesse na aprendizagem dos conteúdos das diversas áreas, por isso optámos por, nas aulas à distância, não lecionar conteúdos novos, mas consolidar alguns conteúdos com as mais variadas práticas lúdicas e expressivas, inclusive, tendo como guia os Programas e Metas curriculares das várias áreas de ensino do 1.º CEB, cedidos pela Direção Geral da Educação, e as orientações da professora cooperante.

Segundo os Programas Referenciais do 1.º Ciclo do Ensino Básico, publicado pela Direção Geral de Educação do Ministério da Educação, o Ser Humano não é um produto da maturação do seu organismo ou de experiências pessoais. “Cada um de nós é o que é devido a um processo natural, espontâneo e permanente, de socialização. Com ou sem escola, antes e depois dela, todos estamos num processo contínuo de educação.”

3. O estágio na educação pré-escolar

3.1. Caracterização do Contexto Educativo no Pré-Escolar

3.1.1. Caracterização do meio

A Escola de *Unicórnio* pertence a uma freguesia da cidade Ponta Delgada. Esta instituição localiza-se no centro da cidade, havendo alguma facilidade no acesso dos serviços que a comunidade dispõe e que são inúmeros.

A freguesia tem vários locais de interesse comercial e económico (centro comercial, padaria, alguns cafés/ snack bares, pequenas lojas e praça), de segurança (polícia e clínicas médicas), religioso e cultural (igreja, biblioteca pública e museu Carlos Machado) de educação (escolas e universidade) e de lazer (jardim da universidade, jardim José do Canto, jardim do Colégio e jardim António Borges). Alguns destes serviços podem ser alvo de parcerias para atividades exteriores à escola, o que muito enriquece esta fase de Educação Pré-Escolar. Neste sentido, foi possível verificar que a localização da escola em questão possibilita o contacto dos seus alunos com a sua comunidade, sendo a visita a esses locais ou a vinda de elementos à sala oportunidades de aprendizagens muito enriquecedoras e significativas.

No que se refere à componente socioeconómica da população residente da está ligada aos setores primário (agricultura e pesca) e secundário (ofícios), embora exista uma maioria de familiares que pertencem ao setor terciário, nomeadamente, ao comércio e aos serviços públicos e privados. A heterogeneidade social, económica e cultural das famílias é realçada, na medida em que existem famílias com um bom nível de vida e formação e outras que apresentam dificuldades nas suas condições de vida e baixa escolaridade.

3.1.2. Caracterização da escola

A escola *Unicórnio* está integrada na unidade orgânica da Escola Básica Integrada mais próxima e que inclui seis estabelecimentos de ensino na Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino básico em diversas freguesias do concelho.

Na altura do estágio esta escola possuía cerca de 251 alunos, dos quais 49 pertenciam

à Educação Pré-Escolar e 201 ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, sendo que a valência da Atividade de Tempos Livres (ATL) possuía de 90 alunos. Neste ano letivo, 2019/20 existiam três turmas da Educação Pré-Escolar, três turmas do 1.º ano, 2.º ano e 3.º ano e 4.º ano do 1.º CEB. Em relação aos recursos humanos há a mencionar que no pessoal docente, existiam quatro Educadoras da Educação Pré-Escolar, uma delas de apoio e onze Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico. No que refere ao pessoal não docente, a escola possuía poucos funcionários, sendo que apenas uma estava destacada para o auxílio da Educação Pré-Escolar.

A nível de espaço físico a instituição é dividida em dois pisos, tendo no piso térreo o refeitório, a biblioteca, o pavilhão desportivo, a arrecadação para o material de Educação Física (EF), a sala dos professores, duas casas de banho para os adultos, duas salas do ATL (uma das salas do 1.º Ciclo era emprestada a esta valência, porque o número de alunos que o frequentam tem vindo a aumentar), cinco salas do 1.º Ciclo do Ensino Básico, duas salas da Educação Pré-Escolar e dois gabinetes dos professores de apoio. No piso superior havia seis salas para o 1.º Ciclo, duas para a Educação Pré-Escolar, um gabinete para o docente de apoio, um gabinete para a Educação Especial, uma sala para as assistentes operacionais, uma sala de materiais didáticos e retroprojetores. Nos dois pisos da instituição existiam casas de banho para as crianças, junto da sala e com os equipamentos adequados à faixa etária, particularmente aos tamanhos.

No espaço exterior da escola encontrávamos um campo de futebol e basquetebol, baloiços e escorrega, aos quais os alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico tinham acesso, sendo que as crianças da Educação Pré-Escolar poderiam brincar no equipamento de equilíbrio, na macaca pintada no chão e no espaço livre ao redor livre.

O horário do funcionamento da escola era das 8:30h até às 17:00 h, salvaguardando que algumas crianças poderiam entrar às 8:15h, tendo em conta o horário de trabalho dos encarregados de educação, para tal seria necessária uma autorização. O ATL funcionava desde as 15:00 h até às 19:00 h. Para o seu funcionamento diário, nas entradas e saídas, as crianças eram recebidas de manhã e aguardavam ao fim do dia pelos pais/ familiares e pelos responsáveis dos centros de ATL que frequentavam, num espaço de hall. No que se refere à segurança, a porta principal permanecia sempre fechada, sendo necessário tocar à campainha para entrar; a escola possuía extintores de incêndio, planta de emergência afixada em todas as salas, alarmes de incêndio e malas de

primeiros socorros.

Quanto a projetos e a sua continuidade no ano letivo em apreço na Educação Pré-Escolar existiam dois projetos educativos: “A Hora do Conto”, “Prevenir para não Remediar. O projeto “A Hora do Conto” era implementado, na sala da Educadora Maria Goulart no acolhimento da tarde, após o relaxamento, e era realizado de diversas formas, com leituras simples do livro, dramatizações, exploração de fantoches, de sombras, utilização de cenários e uso das novas tecnologias.

Por último, o projeto intitulado “*Prevenir para não Remediar*” foi criado no ano letivo 2017/2018 pelo Departamento Pré-Escolar e Privilegia o livro/história como promotor das atividades a desenvolver, de forma articulada, em todas as áreas de conteúdo.

Relativamente aos protocolos a Escola *Unicórnio*, esta não apresentava nenhum em específico, para além do seu papel enquanto um dos núcleos da unidade orgânica da Escola Básica Integrada (EBI) de pertença. Salienta-se que o Projeto Educativo da Escola (PEE) desta EBI apontava para o alcance do crescimento intelectual, afetivo e social dos seus membros e promovia a igualdade e compreensão por parte dos alunos, pois são agentes ativos no mundo que os circunda. Este mesmo documento era seguido pela Escola *Unicórnio*.



Imagem 1 – A Escola

3.2. Caracterização da sala e das rotinas

3.2.1. Organização do espaço - sala

A sala de aula era muito bem iluminada, na medida em que possuía duas paredes forradas de janelões, permitindo assim a entrada de luz na sala. Possuía duas portas, a porta principal e uma porta exterior com acesso à zona de recreio. A sala estava dividida em 6 áreas todas devidamente assinaladas, a área da garagem, a área da casinha, a área da loja, a biblioteca, a área dos jogos e do tapete.

A área do tapete era equipada com várias almofadas, uma de cada criança, na parede encontravam-se o quadro das presenças, o quadro do tempo, o quadro de aniversários, o calendário entre outros trabalhos que iriam sendo realizados pelas crianças.

No que se refere aos jogos, estes estavam organizados no móvel, e poderíamos encontrar puzzles, legos, jogos de associação, entre outros, acima deste móvel, existia um quadro de cortiça onde eram afixados alguns trabalhos das crianças e a informação necessário como por exemplo a planificação e os horários de terapia para as crianças com NEE. Referente à área da loja, esta era uma área recente na sala que possuía uma máquina registadora, dinheiro e vários produtos para venda. A garagem era equipada com um tapete e várias caixas repletas de carros e ferramentas. A casinha possuía uma cama, uma mesa, um fogão, um armário com diversos utensílios de cozinha e um guarda-fato com adereços como vestidos, lenços, gravatas, chapéus. No que se refere à biblioteca, esta tinha uma prateleira repleta de livros, um tapete e três almofadas. Na área da biblioteca encontrávamos, também, um quadro de giz, onde a educadora, diariamente, marcava a data e explica algum conteúdo.

Para diversas atividades as crianças possuíam três mesas redondas que lhe possibilitavam realizar o desenho livre ou direcionado, os jogos de mesa e a realização de atividades propostas pela educadora.

A sala possuía ainda um lavatório e uma parede com bancada e armários para arrumação.

De acordo com Zabalza, (1998, p. 241), “o espaço é um acúmulo de recursos de aprendizagem e desenvolvimento pessoal. Justamente por isso é tão importante a organização dos espaços de forma tal que constituam um ambiente rico e estimulante de aprendizagem”. Neste sentido, é essencial que o educador consiga compreender a

importância da organização do espaço escolar em que as crianças estão inseridas, possibilitando que as experiências vivenciadas sejam únicas e inesquecíveis, o ambiente, o meio em que as crianças estão inseridas está diretamente ligado ao processo de desenvolvimento da aprendizagem.

A organização do espaço promove uma inter-relação eficiente e prolífica entre ambiente e aprendizagem, podendo proporcionar situações lúdicas outras atividades, na rotina da educação infantil, com o intuito de beneficiar um ambiente incitador para descobertas, alegrias, interação e, sobretudo, a aprendizagem e desenvolvimento de criança desde cedo.



Imagem 2 – A sala

3.2.2. Organização do tempo – rotinas

Todos dias as atividades iniciavam-se às 9:00h com o acolhimento, seguido de atividades, às 10:15h as crianças tinham o lanche e posteriormente o intervalo. Regressavam à sala pelas 11:00 e retomavam as atividades. Pelas 11:45h, as crianças almoçavam, tendo posteriormente o intervalo. Pelas 13:30h retomavam a sala, havendo o relaxamento e a “Hora do conto”, após isto as crianças terminavam alguma atividade pendente e usufruem das áreas existentes na sala.

Sendo que, na maioria, cada área, poderia ser ocupada por 3 ou 4 crianças à exceção da área da loja que era ocupada por apenas duas crianças, (comprador e vendedor). As crianças escolhiam a área que gostariam de brincar, sendo que iam trocando depois, de forma autónoma e organizada.

Segundo as Orientações Curriculares (Silva *et al.*, 2016) a “perspetiva de continuidade entre brincar e aprender articula-se com o reconhecimento da criança como sujeito e agente do processo educativo, que lhe garante o direito de ser escutada nas decisões relativas à sua aprendizagem.” (p.31) o movimento possibilita à criança “um desenvolvimento progressivo da consciência e do domínio do seu corpo e, ainda, o prazer do movimento numa relação consigo própria, com o espaço, com os outros e com os objetos.” (p.43)

Ao longo da semana este processo ia-se repetindo, sendo que à segunda e quarta-feira as crianças tinham 45 minutos de educação física.

Segundo as OCEPE (Silva *et al.*, 2016) nesta fase de crescimento é importante que haja uma “consciencialização das rotinas dos diferentes momentos que se sucedem ao longo do dia e ao longo do ano, a elaboração e uso de horários e calendários são importantes para a compreensão de unidades básicas do tempo.” (p. 88). É a partir destas experiências e vivências que as crianças tomam consciência do desenrolar do tempo, do antes, do depois, da sequência semanal, mensal e anual.

3.3. Caracterização do Grupo de Crianças

O grupo era constituído por dezasseis crianças, cinco com 3 anos de idade, sete com 4 anos de idade e três com cinco sendo que quatro completavam 5 anos. Nove do sexo feminino e 7 do sexo masculino. Salienta-se que algumas dessas crianças frequentavam o pré-escolar pela primeira vez, enquanto outras eram acompanhadas pela Educadora Titular pelo segundo ano.



Imagem 3 - Grupo de Crianças

Duas crianças possuíam Necessidades Educativas Especiais (NEE) sendo que apresentavam um currículo especial individual, ambas as crianças apresentavam dificuldades a nível de concentração e atenção, para apoiá-los existia uma educadora que os auxiliava nos trabalhos duas vezes por semana ambos tinham um momento com educadora de Educação de apoio ao ensino especial da escola.

A turma era composta por um grupo dinâmico e curioso, sendo que revelavam elevado interesse nas atividades propostas. Entre as crianças existia um clima de interajuda e proteção, sendo que os mais velhos apoiavam e ajudavam tanto os mais novos como os colegas com NEE.

Criança A (menina, 4 anos) sendo este o primeiro ano de frequência na turma, participava nas atividades propostas com autonomia, gostava de comunicar e partilhava todas as suas experiências com os colegas, sabia contar de 1 a 5, desenhava e pintava com algum rigor, mas apresentava algumas dificuldades na manipulação da tesoura.

Criança B (menino, 5 anos) era uma criança com NEE, apresentava assim

dificuldades em realizar as tarefas propostas, necessitando de auxílio, apesar de, em algumas situações, observar-se que a criança em questão comunicava de forma correta e clara, demonstrava ser reservada, sendo raras as exceções em que, em grande grupo, partilhava experiências vividas com os colegas, tinha algumas dificuldades de concentração e não era autónomo na realização de atividades. No que toca a educação física, apesar de a criança em questão ter espinha bífida e pé boto, salienta-se que o aluno em questão participava e realizava todas as atividades de forma correta.

Criança C (menina, 5 anos) integrava a sala pela segunda vez, participava nas atividades propostas com autonomia, gostava de comunicar e partilhar todas as suas experiências com os colegas. A criança apresentava, na turma, uma atitude líder, sendo que auxilia os colegas, explicando e respondendo a todas as questões que lhe são colocadas. É de salientar que esta criança nasceu em São Miguel, não tem familiares, nem descendência no Brasil, mas comunicava em Português do Brasil, após alguma discussão com a Educadora Titular chegou-se à conclusão que este facto é derivado da excessiva visualização de vídeos e telenovelas. A aluna em questão sabia realizar contagens de números superiores a 10, identificando os respetivos numerais e fazer associações. No que se refere à área de educação física, realizava exercícios de deslocamento e equilíbrio com autónoma e facilidade. Salienta-se ainda, que esta aluna tem como atividade extracurricular o Ballet.

Criança D (menino, 4 anos) integrava a sala pela segunda vez, expressava-se de forma clara, realizava as tarefas com autonomia, reconhecia as letras do seu nome, sabia realizar a contagem até números superiores a 10 reconhecendo os respetivos numerais. Realizava exercícios de deslocamento e equilíbrio com facilidade, tendo um espírito de competição bastante elevado.

Criança E (menina, 4 anos) integrava a sala pela segunda vez, realizava as tarefas de forma autónoma, expressava-se de forma clara, identificava e escrevia o seu nome, realizava a contagem até números superiores a 10, reconhecia e representava os respetivos numerais, sendo que tinha dificuldades em fazê-lo na vertical. Realizava exercícios de deslocamento e equilíbrio com facilidade. Expressava-se através do desenho, dando significado a todas as suas criações, recortava com alguma facilidade.

Criança F (menina, 4 anos) integrava a sala pela segunda vez, sendo que possuía uma atitude de líder, sempre pronta a responder de forma clara e correta todas as questões colocadas, era autónoma, sabia recontar histórias, partilhava experiências com o grupo, identificava e escrevia bem as letras do seu nome, realizava contagens até números

superiores a 10 reconhecendo os respectivos numerais, tinha facilidade em desenhar e recortar, bem como em realizar exercícios de deslocamento e equilíbrio. Era muito perfeccionista sendo que tinha dificuldades em lidar com o erro.

Criança G (menina, 3 anos) integrava a sala pela primeira vez, no entanto era muito autônoma em todas as suas atividades, sentia necessidade de se impor perante os seus colegas, realizava todas as atividades com facilidade, sendo que por vezes apresentava alguma distração. Reconhecia os números e identifica os respectivos numerais. Realizava exercícios de deslocamento e equilíbrio com facilidade, expressava-se através do desenho.

Criança H (menina, 4 anos) integrava a sala pela primeira vez, era reservada, sendo que sempre que lhe era proposta uma atividade mostrava alguma dificuldade em realizá-la, “não sei!” é a expressão que usava inúmeras vezes, neste sentido é uma aluna que necessitava de ajuda nas tarefas, Realizava todas as atividades e exercícios de deslocamento e equilíbrio.

Criança I (menino, 3 anos) integrava a sala pela primeira vez, sendo que tinha algumas dificuldades na linguagem e na realização de tarefas, apresentava alguma distração, no entanto é seletivo, sendo que prendia a sua atenção em pormenores fossem eles vistos ou falados. Realizava exercícios de deslocamento e equilíbrio, tinha inúmeras dificuldades no desenhar e pintar, no entanto esta é uma criança que conseguia fazer associações lógicas.

Criança J (menino, 5 anos) integrava a sala pela segunda vez, realizava as tarefas com alguma autonomia, sabia realizar contagens de números superiores a 10, no entanto tinha alguma dificuldade em identificar os respectivos numerais. Realizava exercícios de equilíbrio e deslocamento e manifestava-se através do desenho.

Criança K (menina, 3 anos) integrava a sala pela primeira vez, realizava todas as atividades com autonomia, tinha um vasto vocabulário, gostava de partilhar vivências e experiências, sabia realizar contagens de números superiores a dez, no entanto apresentava dificuldades na identificação dos respectivos numerais. Expressava-se através do desenho e realizava exercícios de equilíbrio e deslocamento com facilidade.

Criança L (menina, 4 anos) integrava a sala pela segunda vez, era uma aluna empenhada, no entanto reservada. Realizava todas as atividades com autonomia, partilhava experiências e vivências com os colegas, realizava contagens de números superiores a dez, tendo alguma dificuldade na identificação do respetivo numeral, manifestava um espírito crítico elevado, sendo que era muito perfeccionista. Expressava-se

através do desenho e realizava exercícios de deslocamento e equilíbrio com facilidade. Salienta-se ainda que esta menina era muito protetora dos seus colegas.

Criança M (menino, 3 anos) integrava a sala pela primeira vez, possuía um vocabulário limitado e apresentava algumas dificuldades na realização das tarefas propostas, bem como na expressão através do desenho. Realizava contagens de números superiores a cinco, no entanto não reconhecia os numerais. Realizava exercícios de deslocamento e equilíbrio com facilidade.

Criança N (menina, 5 anos) integrava a sala pela segunda vez, partilhava experiências e vivências, realiza todas as atividades com elevada autonomia. Apresentava um elevado espírito crítico. Desenhava, recortava e pintava com perfeccionismo. Fazia contagens de números superiores a 10, reconhecia e representava os numerais. Realizava exercícios de deslocamento e equilíbrio com facilidade.

Criança O (menino, 4 anos), integrava a sala pela segunda vez, com limitações auditivas tinha começado a utilizar aparelhos recentemente. Posto isto, era uma criança com um vocabulário limitado, sendo que não partilhava vivências e experiências com os colegas, apresentava dificuldades em realizar as atividades de forma autónoma, no entanto tinha uma elevada capacidade de observação, as suas ações eram, na maioria, realizadas através da imitação, o que leva a que na educação física realizasse os exercícios de deslocamento e equilíbrio com alguma facilidade. Salienta-se que esta criança realizava associações e sequências, tendo uma maior facilidade e interesse no domínio da matemática, mais especificamente na contagem e reconhecimento de numerais de 1 a 5.

Criança P (menino, 3 anos) integrava o grupo há pouco tempo, sendo que ainda não se encontrava adaptado e integrado, era uma criança exigente com algumas dificuldades na relação com os colegas.

3.4. Intervenção Educativa da Estagiária no Pré-escolar

Durante o estágio no Pré-Escolar foram cerca de 40 atividades sobre as quais surgem apresentadas em quadros com a respetiva calendarização, temas e áreas desenvolvidas. (Quadro 1). Podemos verificar que os Domínios da Educação Física e Educação Artística foram transversais a todos os temas e áreas de conteúdo desenvolvidas em outras áreas.

Isto deveu-se ao facto, de sempre procurar ir de encontro ao tema do relatório – O movimento e a Dança. Algumas atividades foram realizadas fora da sala de aula e inclusive, uma das atividades foi realizada fora da escola, assim foi-se explorando outros espaços escolares e não escolares. Neta parte deste capítulo, será apresentada uma síntese de todas as sessões de intervenção selecionadas para analisar a educação Pré-escolar.

No quadro seguinte (Quadro 2) serão apresentadas as atividades planificadas e desenvolvidas, utilizando a atividade física como recurso principal no estágio do Pré-escolar, assim como, os temas integradores das mesmas e as datas das suas implementações, que vão ao encontro do tema do Relatório de Estágio. Estas atividades serão explicadas, analisadas e refletidas posteriormente.

Quadro 1 – Atividades do Estágio em Educação Pré-Escolar

Data	Nome da Atividade	Área de Formação Pessoal e Social.	Área e Comunicação de Expressão.				Conhecimento do Mundo
			• Domínio da Educação Física	• Domínio da Educação Artística	• Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.	• Domínio da Matemática.	
21/10/19	Jogo: A lagarta Comilona		X				X
22/10/19	Higiene oral (dente feliz e dente triste)	X					X
22/10/19	Música “Lavar os dentes”			X			
22/10/19	O “Crocodilo Nilo”	X			X		
23/10/19	Exploração do hiper continente	X			X		X
23/10/19	Jogo no Parque infantil do PA	X	X	X			X
28/10/19	Bruxa Vs. Fada	X					X
28/10/19	Babiruxa - Não Se Riam			X			
29/10/19	Exploração da Abóbora						X
11/11/19	As Castanhas						X
11/11/19	A lenda de São Martinho		X		X		
12/11/19	Portugal	X					X
13/11/19	A china	X					X
14/11/19	As ilhas dos Açores	X				X	X
19/11/19	A família	X					X
20/11/19	Dia do Pijama		X	X			
9/12/19	A prenda do Pai natal						
10/11/19	As bolachas de natal					X	X
16/12/19	O Peddy Papper com os pais	X	X		X		X
6/1/20	Os Reis				X		X
7/1/20	Vestir o Rodrigo para o inverno						X
8/1/20	As estações do ano						X

Quadro 2 - Seleção das intervenções de Movimento e Dança implementadas no Pré-escolar

	Data	Temas Integradores	Atividades
1ª intervenção	23 de outubro	Alimentação e compras	Percurso e outras atividades com utilização do material presente no parque infantil de um Centro Comercial.
1ª Semana intensiva	11 de novembro	A lenda de São martinho	Reconto da Lenda através de um percurso
4ª Intervenção	20 de novembro	Dia do Pijama	Dança- canção da Missão Pijama para apresentação aos colegas do Pré-Escolar.

3.4.1. Descrição e Análise das Atividades de Movimento e Dança Implementadas em Contexto de Estágio

1.ª Atividade:

A primeira atividade a ser apresentada foi realizada aquando de uma visita de estudo ao centro comercial de Ponta Delgada (Parque Atlântico) e partiu do tema integrador “Alimentação e compras”, criando oportunidades de as crianças explorem o hiper mercado, observando a sua organização, estrutura e atividades comerciais.

Na vertente do desenvolvimento motor e atividade física consideramos duas situações a realçar:

- a. Nesta visita de estudo as crianças fizeram uma caminhada em marcha continuada (cerca de 1000 m de distância) ao deslocarem-se entre a escola e o centro comercial. Como refere Pérez (2004, pp: 160-161) mediante a marcha a criança desloca-se livre e autonomamente por uma superfície, adquirindo ao longo do tempo uma capacidade de equilíbrio e estabilidade maior, força no trem inferior para impulsionar o corpo no espaço e maior coordenação de

movimento com balanço rítmico dos braços, sendo previsível que aos 4 anos já tenham uma marcha mais harmoniosa. A evolução da marcha garante a aquisição de outras habilidades motoras básicas como o correr, o saltar, o rastejar e o trepar. Por outro lado, pelo movimento efetuado num determinado período de tempo a criança estará a desenvolver a sua capacidade física e cardiorrespiratória.

- b. Realizaram-se atividades físicas e motoras diversas usufruindo do equipamento lúdico de espaço infantil existente no local (imagem 4).

Esta atividade foi dividida em 3 partes: o aquecimento, o percurso e o relaxamento, as duas primeiras partes foram realizadas no espaço infantil e o relaxamento no exterior.

1.º Momento

Numa primeira fase, que consideramos de aquecimento, as crianças exploraram e brincaram livremente no espaço, aproveitando de forma autónoma todos os equipamentos disponibilizados (bolas, tuneis, rede, parede de escalada e escorrega).



Imagem 4 – Crianças a Brincar no momento de Aquecimento

2.º Momento

Numa segunda fase, realizámos um pequeno jogo, as crianças continuaram a brincar livremente, mas a um sinal da estagiária teriam de ir a correr pegar numa bola da cor mencionada, que teriam de manipular e transportar, sem deixar cair, pelos vários equipamentos disponibilizados no espaço, realizando assim movimentos de deslocamentos e variados como equilibrar, rastejar, trepar e escorregar nos equipamentos visualizados na imagem.



Imagem 5– Equipamentos do Espaço Lúdico do PA com piso sintético

3.º Momento

Por fim, e antes de regressar à escola, as crianças organizadas em pares foram dirigidas até o exterior e sentaram-se nos degraus de olhos fechados meditando e relaxando.



Imagem 6 - Relaxamento

Optou-se por fazer uma visita de estudo ao Parque Atlântico por este se situar relativamente perto da escola, como também por lá existir vários espaços, entre eles o Híper Continente que apresenta uma organização diferente já vista pelas crianças, na mercearia (visita de estudo realizada anteriormente), esta visita foi uma forma de as crianças se envolverem com a comunidade, de presenciarem a realidade e de porem em prática todos os conteúdos explorados até então. Também se realizou uma prática de atividade física na deslocação e uma aula de EF no centro comercial devido ao facto de este possuir um espaço infantil com vários recursos que permitiram, manipular, rastejar, trepar, escorregar, sendo assim, um sítio novo e com muitas potencialidades que poderiam ser exploradas pelas crianças.

A atividade no geral foi muito bem recebida pelas crianças, que souberam usufruir do espaço, no entanto a criança I, recusou-se totalmente a fazer a atividade porque para utilizar o espaço foi necessário as crianças descalçarem-se, por uma questão higiénica e de proteção dos materiais. Esta atividade, apesar de ter corrido bem, foi realizada logo no início do estágio onde ainda não se tinham criado grandes laços entre a estagiária e as crianças, o que acabou por dificultar a gestão de grupo.

Enquanto futura educadora/professora vejo nas visitas de estudo uma excelente ferramenta pedagógica, um complemento ao currículo escolar, em várias situações, estas visitas de estudo acabam por permitir uma assimilação mais consistente das aprendizagens realizadas em sala de aula. Neste sentido, é também importante que ao longo do ano letivo surjam novos espaços que estimulem novas atividades e, por consequência, novas aprendizagens. Para além disto as visitas de estudo permitem também às crianças uma fuga da rotina da sala de aula, uma forma de conhecerem novas realidades e perspetivas.

Por outro lado, as visitas de estudo são para as crianças um incentivo e uma motivação. A tendência para conhecer aumenta num ambiente que assenta em atividades que por mais lúdicas que sejam, têm sempre uma intenção ou um objetivo educativo por trás.

As visitas de estudo são oportunidades para que as crianças conheçam novas realidades, de lhes proporcionar experiências e vivências diferentes.

É em contextos educativos não formais, quando bem orientados, que ocorre uma maior aquisição e assimilação de conhecimentos, sendo que a propensão da criança para aprender aumenta, uma vez que é tudo menos formal e mais lúdico. Ocorre assim, nestes espaços uma estimulação do aluno a estar aberto a descobrir a realidade que o rodeia.

Para além destes fatores, as visitas de estudo também favorecem a um fortalecimento dos laços na relação entre professor/aluno, sendo que, nestes ambientes, surgem oportunidades de conhecerem características diferentes na personalidade de ambos, o que poderá tornar a relação mais próxima e positiva nos momentos mais formais.

É também através de visitas de estudo que existe uma maior cooperação entre as crianças, existindo uma maior autonomia, criatividade e liberdade para elas exporem os seus pontos de vista sobre a realidade ou temática em causa. Em simultâneo, são estimuladas as relações interpessoais, o que, por consequência, labora as competências de comunicação entre pares ou em grande grupo.

Por estes factos, esta acabou por ser uma das primeiras atividades realizadas com as crianças, fortalecendo assim logo no início a relação entre o grupo e as estagiárias, proporcionou-nos a possibilidade de observar e analisar a forma como as crianças lidaram com cada novidade, o que acabou por fazer com que fosse possível conhecer melhor o grupo em que estava inserida.

No que toca à atividade física, sendo este, um dos primeiros momentos de movimento que observei, foi possível, principalmente na primeira fase em que puderam brincar livremente, analisar que a turma em geral tinha interesse pelo movimento, inclusive a criança B que era uma criança com NEE e que tinha espinha bífida e pé boto.

Aqui também foi possível verificar alguma diferença entre as crianças que frequentavam aquela sala pela primeira vez e as que já lá estavam pela segunda vez, sendo que estas últimas tinham uma maior habilidade motora e capacidade física que as primeiras, isto, na minha opinião dever-se-á ao facto de as que frequentavam pela primeira vez serem mais novas e de não terem sido muito estimuladas para o movimento até então.

2.ª Atividade:

A segunda atividade escolhida realizou-se no dia de São Martinho, dia 11 de novembro e partiu de um reconto, feito pelas crianças, da Lenda de São Martinho.

1.º Momento

Inicialmente, contou-se lenda de S. Martinho, utilizando para o mesmo, o teatro de sombras. Depois da lenda procedeu-se a um reconto oral, breve, utilizando as várias

sombras utilizadas para a contagem da história. Ao longo deste reconto, foram efetuadas algumas perguntas como: “qual a profissão de São Martinho?” “como estava o tempo?” “o que S. Martinho fez?”, “o que aconteceu?”, “o que teriam feito?”.

2.º Momento

De seguida foi montado um percurso de atividade física e motora, com quatro etapas. Pediu-se às crianças que formassem uma fila, sendo que o primeiro seria o chefe do dia e cada criança representaria S. Martinho, sendo que teriam que imaginar ter um cavalo e uma capa.

Percurso realizado pelas crianças:

- 1.ª Etapa - atravessaram um banco em marcha, equilibrando-se;
- 2.ª Etapa - contornaram três cones a correr;
- 3.ª Etapa - saltaram de pés juntos dentro dos quatro arcos, colocados em linha;
- 4.ª Etapa - o final do percurso - tiraram a sua capa e simulavam que tapavam o “mendigo” que São Martinho ajudou (representado pelo par pedagógico).



Imagem 7– A Lenda de São Martinho - Percurso

Uma das estratégias utilizadas no estágio consistiu na leitura de histórias, que tal como o brincar permite à criança criar, fortalecer a sua imaginação, ampliar o vocabulário, aprender a refletir e consentir situações diversificadas, desenvolver o seu pensamento lógico e espírito crítico e, também, incentivar o interesse pela leitura e escrita (Monteiro, 2016). Através destes momentos, dei, ainda, continuidade ao projeto da “*Hora do Conto*”, que estava a ser implementado pela própria educadora cooperante e que consistia no conto de uma história, todos os dias, através de um livro, de uma dramatização, de fantoches, entre outros suportes.

Neste caso em particular utilizei o teatro de sombras, o que cativou as crianças, pois nunca tinham realizado uma atividade assim, uma vez que absorveram bem a história contada a realização do reconto através do percurso correu bem, sendo que as crianças mais pequenas tiveram alguma dificuldade em equilibrar-se a atravessar o banco segurando o cavalo.

Esta atividade foi realizada, considerando as relações que podem ser estabelecidas no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita para além do contexto em sala de aula, transpô-la para o contexto motor e lúdico, tradicionalmente relacionado à atividade física é proporcionar um ambiente ampliado de alfabetização permite à criança perceber que o saber está em todos os espaços, e que envolver o seu corpo nesse processo de ensino- aprendizagem é alargar as possibilidades de compreender a si mesma e o que a rodeia. Se a criança for capaz de se expressar de diferentes formas, neste caso, com o auxílio do seu corpo, gradualmente vai obtendo as capacidades para ler e escrever, de acordo com as convenções estabelecidas. Silva e Martins (2018) defendem que “esse percurso, se permeado de imaginação, de ludicidade e de liberdade, certamente permitirá que a criança se encante pelo ato de aprender, tornando-a um sujeito que carrega experiências vividas, concretas e cheias de significado.”

Todo o nosso conhecimento passa pelo corpo. É através dele que é possível modificar pensamentos em ações, ou seja, em movimento. O corpo é a condição essencial da humanidade, é o que há de mais humano e concreto no Ser Humano. Sendo assim, não deve ser considerado apenas como um conjunto de órgãos que constitui uma estrutura física, orgânica, que responde a estímulos e respostas. Contextualizar o corpo a partir da perspectiva da corporeidade, abrangendo o Homem, não como detentor de um corpo, mas como o próprio corpo, expressa que os indivíduos são unidades que agem no mundo sem separar os seus movimentos. Desde o piscar dos olhos ao balançar dos pés – dos pensamentos, dos desejos e das angústias, o Ser Humano reage às motivações do mundo de forma que todo o seu corpo atue com consciência desses componentes motivadores. (Freitas, 1995)

3.ª Atividade:

A terceira atividade escolhida estava inserida no *Dia nacional do Pijama*, onde se celebra o direito que todas as crianças terem uma família.

Esta atividade levou alguns dias a ser realizada uma vez que em conjunto com as

crianças foi realizada uma coreografia completa para a canção da *Dança-Canção Missão Pijama 2019/Quero Acreditar cantada pelos “Calema”* (acedido no link: <https://www.youtube.com/watch?v=-Wth3EtROoI>)

1.º Momento

Inicialmente, foram colocadas cadeiras para as crianças se sentarem formando uma meia-lua, de seguida colocou-se a música e pediu-se para que as crianças fechassem os olhos e escutassem a música.

Numa fase posterior, pedi para que as crianças me acompanhassem marcando o ritmo da música, utilizando o batimento do pé no chão.

De seguida, juntamos aos batimentos do pé a contagem de 1 a 8. Ouviu-se a música repetidamente para que as crianças interiorizassem.

2.º Momento

Após as crianças, conhecerem bem a música, formou-se uma roda e foi-se associando gestos e movimentos à letra da música, repetiu-se várias vezes, até que a coreografia estivesse pronta:

1. Inicialmente as crianças encontravam-se despostas em círculo, com a cabeça deitada nas almofadas, ao ouvir a “vou ficar à janela”, as crianças levantavam a cabeça, permanecendo de joelhos e esticavam os braços acima da cabeça com a almofada;
2. De seguida tapavam as suas caras com a almofada e espreitavam, pousando a almofada e levantando-se;
3. Já levantadas as crianças começavam a marchar e no lugar, esticavam os braços e de seguida cruzavam-nos no peito simulando um abraço, juntavam os braços acima da cabeça e desciam-nos juntando depois as mãos e colocando-as junto à cara simulando o dormir, esticavam um braço para a frente apontando para os colegas e davam uma volta;
4. Posteriormente juntavam as mãos e moviam a anca de um lado para o outro enquanto a música falava no agradecer;
5. Voltavam a marchar, e levantavam os braços abanando as mãos, quando na música se ouvia “que vai chegar a minha vez”, de seguida com as mãos as crianças simulavam que estavam a dobrar o pijama.

6. Repetiram o passo 3.
7. Por fim deram as mãos e rodaram para a direita e depois para a esquerda, terminando, como começaram, deitados nas suas almofadas.

3.º Momento

No hall de entrada, reuniram-se as turmas do pré-escolar, sendo que duas delas apresentaram uma coreografia para o tema. Por fim, ainda no hall de entrada colocou-se a música e todas as crianças do pré-escolar dançaram livremente.



Imagem 8 – Coreografia

Na minha opinião esta foi uma das atividades mais gratificantes, no entanto a mais complicada também, pois ao longo de todos os dias foi necessário alterar gestos e passos já coreografados de forma a ir de encontro às capacidades das crianças (coordenação movimento – ritmo musical).

Procurei sempre ao longo do meu percurso académico festejar e marcar este dia por ser um dia educativo e solidário criado para que as crianças ajudem outras crianças que necessitam. Neste dia, as crianças até aos dez anos nas escolas de todo país vão vestidas de pijamas para a escola e passam, desta forma, o dia em atividades educativas e divertidas até à hora de regressarem a casa. Esta data coincide com o dia da Convenção Internacional dos Direitos da Criança é neste dia que, anualmente as crianças pequenas lembram a todos que "uma criança tem direito a crescer numa família".

Inicialmente esta seria uma coreografia realizada através de contagens (compassos), o que logo ao início se mostrou impossível uma vez que apenas a criança C já tinha tido contacto com a dança e não tinham capacidade de atenção auditiva.

Para Berge (1976) “Para a dança é necessário adquirir uma capacidade de escuta

muito desenvolvida e elaborada. É um trabalho que se realiza progressivamente e que passa pela educação da atenção auditiva.” (p.93) Acabou por funcionar associando pequenos movimentos à letra da música e também pelo facto de em círculo haver a possibilidade de olharem uns para os outros e ajudarem-se. Através destas estratégias os alunos conseguiram adquirir e automatizar os passos de dança pretendidos, conseguindo realizá-los bem, de forma autónoma e coordenando os movimentos em grupo.

É com movimento a criança encontra a liberdade para explorar o espaço e o tempo, procurando, assim, saciar as necessidades físicas e emocionais. Beneficia o movimento, desenvolvendo-o e tornando-o mais eficiente noutras atividades e momentos.

Neste sentido o domínio do corpo, bem como o desenvolvimento motor é então fundamental para as crianças uma vez que ao conhecer o seu corpo ela consegue, a partir do movimento, dominar e tornar-se ciente das suas relações e das suas habilidades em comunicar emoções e sentimentos.

Sendo o movimento essencial para a dança, e indispensável para a criança, para que ela possa efetuar tarefas e ultrapassar obstáculos, a dança aparece assim como uma possibilidade para desenvolver estas competências, mas também como organizadora da imagem global e sentimentos que a criança tem sobre si, a imagem corporal física e real do corpo, o autoconceito, a autoconfiança e a autoestima.

Assim pode-se afirmar que a dança pode desenvolver nas crianças aspetos do desenvolvimento expressivo do corpo, que facilitam a comunicação da criança, e por consequência a sua relação com o meio e o mundo, como também o desenvolvimento de capacidades motoras físicas que além de indispensáveis para esta atividade expressiva e criativa (dança), são-no identicamente para outras atividades motoras, o aumento da resistência corporal, melhoramentos ao nível da estética, da postura e da flexibilidade.

Para Berge (1976, p. 13) “Quanto menos nos movimentarmos, menos vontade sentimos de o fazer” e, neste sentido, caberá ao educador despertar na criança o gosto pelo movimento e pela dança, apelando ao sentido do jogo e do grupo.

4. O Estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico

4.1. Caracterização Contexto Educativo no 1.ºCEB

4.1.1. Caraterização do meio

Situada no concelho de Ponta Delgada, no extremo oeste da ilha de São Miguel, a escola *Borboleta*, localiza-se num espaço geográfico com características urbanas.

A freguesia tem vários locais de interesse comercial e económico (padaria, alguns cafés/ snack bares, pequenas lojas e praça), de segurança (polícia e clínicas médicas), religioso e cultural (igreja, biblioteca pública e museu Carlos Machado) de educação (escolas) e de lazer (e jardim António Borges). Deste modo, foi exequível averiguar que a localização da escola em questão possibilita o contacto dos seus alunos com a sua comunidade, sendo a visita a esses locais ou a vinda de elementos à sala oportunidades de aprendizagens muito enriquecedoras e significativas.

Atendendo aos serviços mencionados anteriormente, salienta-se que alguns deles poderiam ter sido alvo de parcerias aquando das minhas intervenções pedagógicas, uma vez que seriam um recurso enriquecedor para auxiliar o processo de ensino-aprendizagem. No entanto, dadas as circunstâncias atuais em que nos encontramos relativas à *Covid-19*, as deslocações do grupo de crianças ao exterior, para visitarem os espaços ao redor da escola não eram aconselhadas.

A EB1/JI de São José insere-se numa área urbana e as atividades económicas de grande parte da população dizem respeito, principalmente, ao setor terciário e secundário, ainda que existam profissões que integrem o setor primário.

Segundo o Projeto Educativo de Escola (2019-2020), no que se refere à componente socioeconómica da população residente da escola (...), esta está ligada aos setores terciário e secundário. A heterogeneidade social, económica e cultural das famílias é realçada, na medida em que existem famílias com um bom nível de vida e formação e outras onde é perceptível carências relacionadas com dificuldades económicas, decorrentes da obtenção de rendimentos diminutos ou mesmo desemprego de um ou ambos os pais/ encarregados de educação.

4.1.2. Caracterização da escola

A escola *Borboleta* está anexada na unidade orgânica de uma Escola Básica Integrada do concelho de Ponta Delgada, a qual incorpora quatro estabelecimentos de ensino de Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico, esta Escola Sede conta também, neste momento, com três níveis de ensino, tais como: Educação Pré-Escolar e 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico.

No concerne à escola, nesta ingressavam cerca de 250 alunos, dos quais 52 frequentavam a Educação Pré-Escolar e os restantes o 1.º Ciclo do Ensino Básico. No ano letivo 2020/2021 (pós confinamento), existiam três turmas de Educação Pré-Escolar, duas turmas do 1.º ano, 2.º e 3.º ano de escolaridade e três do 4.º ano de escolaridade.

Relativamente ao pessoal docente, a escola contava com 4 Educadoras de Educação-Pré-Escolar, três delas com uma turma atribuída e a outra integrava a equipa de intervenção precoce, uma Técnica Superior de Educação Especial, 11 Docentes do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sendo dois deles de apoio, 1 Docente de Inglês, 1 Professor de Educação Física e 1 Professor de Música para os 1.º e 2.º anos.

No que diz respeito ao pessoal não docente, a escola apresentava nove auxiliares, seis delas efetivas e as restantes abrangidas por programas do Fundo Regional do Emprego e uma bolsreira.

O estabelecimento de ensino estava dividido em dois edifícios, ambos com dois pisos, sendo que no edifício mais recente constava o refeitório, a biblioteca, o pavilhão desportivo, uma zona para o material do ATL, sala dos professores, uma sala para isolamento, seis casas de banho, duas para adultos e as outras destinadas às crianças, duas salas do 1.º ciclo, três salas de Educação Pré-Escolar e três salas de apoio. Salienta-se que em ambos pisos, do edifício mais recente, a escola possuía casas de banhos para os dois sexos, próximas das salas, acompanhadas dos equipamentos apropriados à faixa etária. No edifício que contempla o Plano Centenário, constavam 8 salas do 1.º ciclo e casas de banho. No entanto, importa destacar que o acesso ao 1.º piso, de ambos edifícios, é efetuado por escadas, pelo que no caso da existência de uma criança ou profissional de educação com incapacidades motoras, este não conseguiria deslocar-se até ao 1.º piso, uma vez que este piso não dispõe de rampas de acesso nem de elevadores.

No recreio da escola existia um campo de jogos, um espaço destinado ao jogo da macaca, um módulo com escorrega alusivo a um parque infantil, os quais as crianças podem brincar e todo o redor do espaço exterior que também podem usufruir.

A escola tem duas entradas de acesso, pelo que devido à situação atual da *covid-19*, os alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico bem como os restantes adultos entravam pelo portão lateral e as crianças da Educação Pré-Escolar ingressavam pela entrada frontal. Acrescenta-se ainda que os vários espaços da escola tinham sinalética para todos se moverem nos dois sentidos, atendendo à distância de segurança recomendada pelas autoridades de saúde.

É importante evidenciar que, existia um hall de entrada principal onde as crianças eram recebidas de manhã e onde aguardavam ao fim do dia pelos encarregados de educação, familiares e/ou responsáveis dos centros de ATL. As portas de acesso à escola estavam sempre fechadas, pelo que era necessário tocar à campainha caso se desejasse entrar na escola.

Relativamente a questões de segurança a escola possuía extintores de incêndio, plantas de emergência, afixadas nas salas de aula, alarmes de incêndio e malas de primeiros socorros.

A escola não possuía parque de estacionamento, mas aquando das obras de requalificação e de modo a não congestionar o trânsito, foi construída uma área na qual os encarregados de educação pudessem estacionar para entregar/receber os seus educandos.

O horário de funcionamento da escola sofreu um ajuste, devido à situação pandémica que vivíamos, de modo a poder-se desinfetar adequadamente todo o estabelecimento. Assim sendo, o horário de funcionamento da escola é das 8.00h até às 16:30h e o período de aulas ocorre das 8:30h às 15:10h

Quanto a projetos, no referido ano letivo, contabilizavam-se dois tais como: Projeto de Educação Psicossexual “*Uma Aventura no Arquipélago da Eulândia*” e o Projeto ProSucesso intitulado “*Educar pela Arte*”. Deste modo, ambos projetos se destinavam à Educação Pré-Escolar e ao 1.º Ciclo do Ensino Básico.



Imagem 9 -Escola 1.ºCEB

4.1.3. Caracterização do Grupo de Crianças

O grupo turma era constituído por 19 crianças do 2.º ano, nove do sexo feminino e 10 do sexo masculino com idades compreendidas entre os sete e os oito anos. O estágio com esta turma foi realizado à distância aquando da sua passagem pelo 2.º. Ano e um mês presencialmente já com a turma no 3.º ano, salienta-se que de um ano para o outro houve ligeiras alterações, uma criança reprovou, outra mudou de escola e a turma acolheu um aluno novo (18 crianças).

Esta turma era na generalidade desmotivada, havendo alguns alunos que apresentavam falta de pré-requisitos e um elevado grau de desconcentração. Salienta-se também que nas crianças em questão, existiam poucos hábitos de estudo autónomo (o que dificultou o ensino à distância que tivemos que assumir devido aos confinamentos decorrentes da situação pandémica).

Em geral, o grupo apresentava maiores dificuldades nas áreas de Português (leitura e escrita) e no domínio de Números e Operações. Em contrapartida, a turma apresentava potencialidades para as áreas de Estudo do Meio e no domínio de Geometria e Organização e Tratamento de Dados.

A turma integrava um aluno diagnosticado com autismo e outro com hiperatividade, dois alunos com acompanhamento psicológico e um que estava em avaliação, devido a suspeitas de dislexia.

Esta turma em que me encontrei inserida, era por si só, uma turma desinteressada com pouco gosto em aprender, uma turma que facilmente se distraía, com diversas dificuldades nas diferentes áreas sobretudo na leitura e na escrita, assim sendo optei por lecionar os conteúdos baseando me na leitura e na escrita, tentando sempre, encontrar uma abordagem lúdica que os incentivasse, mas não os distraísse.

A motivação e a autorregulação são muito importantes para o sucesso nas aprendizagens dos alunos, surgiu assim, a necessidade de perceber as causas da desmotivação, o porquê de os alunos não conseguirem dominar a atenção, e que situações e que fatores condicionavam esta atenção.

Vários autores apontam como causa desta falta de atenção, o avanço da tecnologia. Atualmente, existem cada vez mais brinquedos e jogos interativos que “roubam” o interesse das crianças para as aprendizagens realizadas em sala de aula.

Alzira Fernandes (2006, citada por Gomes, 2016) sugere como estratégias: Supervisionar as atividades dos alunos durante as aulas (se passa para o caderno);

mostrar-se calmo ao repreender; fortalecer a relação professor-aluno, através de pequenos diálogos; utilizar o quadro para auxílio na resolução de tarefas.

Com isto, não pretendi acabar com atividades lúdicas e divertidas, procurei apenas, transmitir às crianças que apesar de serem atividades diferentes são também atividades importantes para o seu processo de ensino aprendizagem, que merecem atenção, concentração e principalmente ordem e respeito tanto pelos colegas como pela professora estagiária responsável pelas aulas.



Imagem 10 – A turma

4.2. O Ensino à Distância no Período de Pandemia

4.2.1. Proposta de Plano de Ensino à Distância - Departamento do 1.º ciclo

O departamento do 1.º Ciclo do ensino básico a que pertence a Escola *Borboleta* redigiu uma proposta de plano de ensino à distância onde contemplava vários aspetos da intervenção: Estratégias de gestão, de comunicação, modelo de ensino e monitorização e avaliação do trabalho.

No que se refere às áreas de português e matemática esperava-se que estas fossem trabalhadas três vezes por semana no plano diário de trabalho para consolidação e introdução de conteúdos. Estudo do Meio e Expressões Artísticas, bem como Inglês, Educação Física e Educação Moral Religiosa e Católica (EMRC) deveriam contemplar uma proposta de tarefa por semana, sendo as tarefas destas últimas três áreas elaborados por professores das áreas. Este Plano ainda refere que, diariamente apenas deveriam, no máximo, ser abordadas duas áreas de ensino, procurando sempre que houve uma interdisciplinaridade.

Este conjunto de atividades constituiria um Guião/Plano Individual, segundo o plano, que deveria ser disponibilizado até às 10h00 de segunda-feira. Este plano consistia em indicações precisas sobre o modo e o horário de realização das atividades.

A comunicação com os docentes acontecia via SGE ou via correio eletrónico, podendo ser realizada via telefónica ou outra estabelecida previamente entre o professor e o encarregado de educação.

Ainda sobre o plano de ensino à distância, este previa que houvesse uma monitorização feita pelo docente, professor cooperante, quinzenalmente.

No que se refere à avaliação, esperava-se que houvesse uma autoavaliação e autocorreção. A avaliação formativa, neste plano era privilegiada através da produção de conteúdos e pelos avanços verificados através do trabalho realizado, tendo em atenção o *feedback* do professor ao longo do processo de acompanhamento. Ao longo de todo este processo os pais foram “elementos-chave” na concretização das orientações dadas e no cumprimento das tarefas a realizar.

4.2.2. Ensino à Distância no Grupo de Crianças

No que se refere ao grupo de crianças em questão, as 19 crianças do 2.º ano, de março a junho de 2020 parte do ensino foi realizado por Ensino à Distância (E@D), no período de confinamento as crianças comunicaram com a docente via correio eletrónico, no entanto, de facto só 12 alunos elaboraram as atividades propostas, sendo que, do total dos 19 alunos, dois alunos, não estiveram, efetivamente, a usufruir deste ensino à distância, uma vez que não disponibilizaram o seu email. A monitorização do ensino para estas crianças passou a ser do seguinte modo: quinzenalmente, a professora cooperante enviar para o Conselho Executivo as fichas de trabalho e respetivas soluções das duas semanas de trabalho que foram fotocopiadas e enviadas via CTT aos Encarregados de Educação. De referir que no universo de 17 alunos, 5 não deram qualquer tipo de resposta, havendo, inclusive um aluno, cujos pais disseram não ter *Microsoft Office* no seu computador. Esta situação prevaleceu mesmo após a professora ter dado indicações de como o instalar.

Salienta-se que, a professora titular optou por, nesta fase de E@D apenas consolidar conhecimentos, uma vez que no decorrer do 2.º período os programas foram lecionados, quase na totalidade.

Assim a metodologia de trabalho adotada, tal como previa o plano

supramencionado, consistiu no envio de um email, aos encarregados de educação, no sábado, com três documentos:

- a. o primeiro documento consistia num Guião-Plano Individual de Trabalho, onde, diariamente, estavam as atividades que os alunos tinham de resolver com a informação detalhada;
- b. o segundo era o documento de Atividades com exercícios extra, à parte dos manuais, visto que os manuais não contemplavam tudo;
- c. e por fim, o terceiro documento com as Soluções, que se traduzia na resolução de todos os exercícios propostos pela ordem dos dias da realização para a criança monitorizar melhor esse acesso.

À sexta-feira enviavam-se aos encarregados de educação uma grelha onde os alunos preenchiam como tinham sido desenvolvidas essas atividades de trabalho que lhes foram enviadas.

Ao deparar-nos com esta situação de pandemia e de conseqüente ensino à distância foi necessário uma dedicação e esforço na descoberta de todas as possibilidades das TIC e como as iria utilizar de forma a cativar e a oferecer às crianças experiências diferentes que as interessasse e cativasse, neste sentido e pensando, numa realidade atual, em que a tecnologia está tão presente, e de acordo com Bianchi e Pires (2015) dever-se-ia incluir as TIC na formação de professores “por meio da criação de componentes curriculares que tratem de forma autônoma e/ou complementar a temática das TICs.” (p.10).

De acordo com os mesmos autores as hipóteses de inclusão das TICs, “apesar de serem concebidas como linhas de fuga do currículo tradicional, repercutem na formação profissional dos futuros professores e agregam ao currículo novas práticas pedagógicas, ampliando a sala de aula para novos e diferentes contextos (...)” (p.10), novos contextos que por exemplo foram necessários neste tempo de confinamento, em que era necessário a utilização das TIC para ocorrer o processo de Ensino –aprendizagem.

Neste período não só as TIC foram fundamentais como também toda a família e o trabalho de equipa entre a família e os professores. Segundo Correia (2000) o papel que é desempenhado pelos pais na alfabetização dos seus respetivos filhos é marcada “pela ação preponderante da mão alfabetizada junto dos filhos (...)” (p.181). Neste seguimento, salienta-se que o ambiente familiar é o primeiro ambiente socializador que a criança tem o que vai influenciar a forma de socializar de cada criança.

De acordo com Dionísio (2015), para que os alunos se sintam motivados é

fundamental que sejam mobilizadas ferramentas que fazem parte do seu dia a dia, tais como o computador e a internet.

No entanto é de evidenciar que estes materiais tecnológicos têm de ser bem explorados pelos responsáveis, neste caso pelo par pedagógico, uma vez que segundo o mesmo autor, Dionísio (2015) refere que a utilização de audiovisuais não é só por si um fator de sucesso. Para que haja aprendizagem é necessário que o professor prepare bem o material, sendo essencial que haja uma exploração correta, de forma que os alunos possam retirar o que se pretende ensinar, o professor deve direcioná-los para o tema a abordar, deixando que estes opinem sobre o que visualizaram e ouviram.

Baltazar, Tiosso e Balthazar (2006) afirmam que a família e escola devem se unir em prol do processo de ensino aprendizagem, pois credencia-se que quanto maior o envolvimento e a participação da família nas escolas, melhor vai ser o desempenho dos alunos. São os pais que precisam fazer com que as crianças convivam bem na escola e que tenham vontade de aprender e de buscar o conhecimento.

Belucci (2009, citado por Firmam et al (2016)) salienta que “a escola e a família precisam caminharem juntos e se conscientizarem para preparar crianças e jovens para uma vida plena de convivência em sociedade. Essa convivência em sociedade é uma necessidade e, para tanto, é necessário aprender isso”.




























4.3. Intervenção Educativa da Estagiária no 1.º Ciclo

O estágio do 1.º Ciclo foi realizado através do ensino à distância durante 2 meses (maio e junho de 2020) presencialmente no final do mês de setembro e outubro. Salienta-se que aquando do ensino à distância foi muito difícil elaborar atividades que fossem de encontro ao tema do relatório – O movimento e a Dança, uma vez que o feedback que recebíamos dos alunos era praticamente nulo.

O ensino Presencial ocorreu com vários altos e baixos, uma vez que durante o mesmo surgiu um caso de uma criança infetada com o Covid-19, o que gerou grande receio nos encarregados de Educação e fez com que houvesse muitas faltas nas turmas da escola.

As atividades à distância foram realizadas em diferentes plataformas, e recursos para que houvesse um maior interesse por parte das crianças.

Quadro 3 – Atividades Implementadas no Estágio do 1.º Ciclo do Ensino Básico
(Ensino à distância e presencial)

Data	Atividade/ Áreas	Língua Portuguesa	Expressões Artísticas	Matemática	Estudo do meio	Educação e Expressão Físico-Motora
4/5/20	Quiz “singular ou plural”					
5/5/20	Roda dos Alimentos					
11/5/20	Acentos gráficos					
12/5/20	Reciclagem					
14/5/20	Ilustração de uma história					
20/5/20	As plantas					
21/5/20	Fungagá da Bicharada					
22/5/20	Frações					
25/5/20	Resolver Conflitos					
26/5/20	“Eu vi um Sapo”					
27/5/20	Banda Desenhada					
12/6/20	Cuidados a ter na praia					
21/9/20	Jogo da Gramática					
21/9/20	Mapas e Itinerários					
22/9/20	Os Habitantes do Fundo do Mar – Estrelas-do-mar					
23/9/20	Tipo de Textos					
23/9/20	O mil					
23/9/20	Respirações e Alongamentos					
23/9/20	Funções de uma localidade					
14/10/20	Jogo das estátuas					
14/10/20	O dicionário					
15/10/20	Ritmos com as partes do corpo					
15/10/20	Distritos e Regiões Autónomas					

Legenda: : Ensino à Distância



Ensino Presencial



Quadro 4– Seleção das intervenções de Movimento e Dança implementadas no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

	Data	Temas integradores	Atividades
<i>1.ª Intervenção</i>	21/05/2020	Os animais	Coreografia da Música “Fungagá da Bicharada”
<i>4.ª Intervenção</i>	14/10/2020	Aula de Educação Física	Jogo das estátuas
<i>6.ª Intervenção</i>	15/10/2020	Ritmicidade	Ritmos utilizando as partes do corpo

4.3.1. Descrição e Análise das Atividades de Movimento e Dança Implementadas em Contexto de Estágio

1.ª Atividade

A primeira atividade relacionada ao tema de estágio surgiu aquando do Ensino à Distância e ocorreu como uma tentativa de colocar as crianças a dançar, numa fase tão difícil como foi a do primeiro confinamento, e ocorreu em maio de 2020. Como esta atividade foi realizada à distância a dinâmica da mesma foi um pouco diferente, sendo esta, toda à base de vídeos e de guiões orientadores para as crianças e respetivos encarregados e educação.

1.º Momento

Foi Realizado um vídeo de exploração da música do avô Cantigas “Fungagá da Bicharada”, com a repetição da música inúmeras vezes e foi pedido às crianças para que em conjunto com a estagiária cantassem a música de forma a memorizar a mesma. (Aceder em: <https://www.youtube.com/watch?v=2I19JTmlwcA>)



Imagem 11 – vídeo de exploração da música

2.º Momento

Inicialmente, e após a exploração da música o Fungagá da Bicharada do avô Cantigas (Acedido no link:), sem música foram ensinados os passos apenas de um excerto da música, refrão, lentamente, que gradualmente foram realizados mais rapidamente até chegarem ao ritmo da música.

1º Passo: afastar a perna direita e cruzar a perna esquerda pela frente da perna direita, descruzar para que as pernas voltem a ficar juntas como inicialmente.

2º Passo: repetir o primeiro passo, mas para a esquerda, abanando o corpo no final.

3º Passo: esticar o braço direito, esticar o braço esquerdo, cruzar o braço esquerdo para o ombro direito e o braço direito para o ombro esquerdo. Para descruzar, descruzar o braço esquerdo por baixo do direito e colocá-lo na cabeça, por fim descruza-se o braço direito, colocando-o também na cabeça, abanando-a.

4º Passo: chutar a perna direita para a esquerda, pousá-la afastada e chutar a perna esquerda para a direita, pausando-a também afastada, volta-se a repetir este passo.

3.º Momento

Por fim, numa primeira fase a música foi cantada e dançada simultaneamente e para finalizar voltou-se a repetir a coreografia, desta vez apenas com o áudio. (Aceder em: <https://www.youtube.com/watch?v=l4KKsuWYoJw>)

Esta atividade era também um complemento à educação Musical, uma vez que nesta fase de confinamento e de ensino à distância as aulas de Educação e Expressão Físico-motora ficaram totalmente a cargo do professor da especialidade, fui tentando ao longo deste período realizar atividades que promovessem o conhecimento do corpo, o movimento, a dança, tema integradores deste relatório de estágio, no entanto houve um falta de *feedback* enorme por parte das crianças, o que me leva a ter dúvidas quanto ao sucesso desta atividade, no entanto, nesta atividade procurei, de acordo com o Programa do 2.º ano do 1.º Ciclo do Ensino básico que as crianças reproduzissem pequenas melodias e estimula-las para a música com movimentos locomotores e não locomotores dissociando a ação das diferentes partes do corpo.

Nesta fase procurei realizar atividades dinâmicas e divertidas que não se distanciassem do pretendido pela professora, ou seja, a consolidação de conteúdos, e que ao mesmo tempo poderia ser uma forma de agradar as crianças e tirá-las da inercia em que vivíamos. As crianças estavam privadas de muitas coisas importantes para o seu desenvolvimento global, como por exemplo, a socialização, as crianças apenas socializavam pessoalmente com a família mais próxima.

No seguimento destas problemáticas, vivemos numa era tecnológica, mas nunca a tecnologia foi tão essencial para a vida do ser humano. Estávamos assim, perante um momento em que necessitávamos de nos reinventar e explorar o uso de ferramentas tecnológicas, de modo a construirmos alternativas no formato de educação à distância. Optei assim, de acordo com as professoras cooperantes, por “pensar fora da caixa” por ajudar a mitigar a situação momentânea e avançar rumo a uma nova educação.

Assim, na sequência do que foi referido acima, optei por apresentar vídeos criados por mim, que foram disponibilizados no *Youtube*, desta forma, todas as crianças conseguiam visualizar os vídeos para os reproduzir. Cremos, pois, que se simplesmente fossem mandados nos programas em que foram criados, haveria o risco de alguma criança não ter este mesmo programa e não realizar as atividades propostas, sendo que um dos objetivos sempre foi que todas as crianças conseguissem ter acesso a todos os documentos realizados. Importa salientar que, todas as atividades foram realizadas a pensar nas possibilidades e disponibilidade de cada família, uma vez que os documentos não obrigariam à impressão dos mesmos, e os materiais utilizados são de fácil acesso, não sendo necessários gastos monetários.

2.ª Atividade

Esta atividade foi realizada no exterior, na sequência de uma aula de Educação e Expressão Físico Motora (EEFM). Saliente-se que neste período ainda eram necessários muitos cuidados devido ao covid-19, era necessário realizar atividades “seguras” que não favorecessem o toque, que não necessitassem de material, que salvaguardassem as distâncias (2 a 3 metros) e realizadas ao ar livre.

1.º Momento

As crianças foram reunidas em círculo e procedeu-se à explicação da atividade. Estas deveriam correr pelo espaço delimitado e ao apito da estagiária deveriam ficar em posição estática até ordem do contrário.



Imagem 12 – Explicação da atividade

2.º Momento

Num segundo momento foi realizado um jogo em que se associaram certos movimentos ao número de apitos (1 apito – saltos de canguru; 2 apitos – deitar de barriga para baixo; 3 apitos- saltar ao pé cozinho).

As crianças teriam de memorizar os movimentos associados a cada número de apitos e ao ouvir o apito executar os movimentos pretendidos de acordo com o número de apitos ouvido.



Imagem 13 – Os jogos de movimento em reação ao apito

Esta atividade foi realizada em contexto de jogo, uma vez que eu, enquanto futura professora considero que o jogo é fundamental para o desenvolvimento físico e psicológico da criança, como tal, o jogo surge no currículo da EEFM do 1.º Ciclo do Ensino Básico, com uma intenção muito demarcado, “ (...) fazer com que a criança participe em jogos ajustando-se por iniciativa própria e as qualidades motoras na prestação às possibilidades oferecidas pela situação de jogo e ao seu objetivo, realizando habilidades básicas e ações técnico táticas fundamentais, com oportunidade e correção de movimentos” (Programa do 1.ºCEB, 2001).

Segundo Neto (2003) “ (...) o jogo [é] o processo de dar liberdade de a criança exprimir a sua motivação intrínseca e a necessidade de explorar o seu envolvimento físico e social sem constrangimentos (investigar, testar e afirmar experiências e possibilidades de ação” (...) “A experiência do jogo e da atividade física é uma excelente forma de perceber a relação entre a ordem e a desordem, organização e caos, e equilíbrio e desequilíbrio entre os vários sistemas biológicos e sociais.” Esta instigação ocasional ou organizada, proporcionada pela exploração das situações e do espaço, neste caso, é elementar na estruturação das fases primordiais do desenvolvimento da criança, nos domínios: motor, cognitivo, social e emocional. (p.5).

No que se refere à memorização, associada ao segundo jogo esta desenvolve a concentração das crianças o que posteriormente, pode ser favorável para outra área de ensino uma vez que o grupo de crianças era muito desconcentrado e desinteressado.

Esta atividade revelou-se um grande teste à minha capacidade de gestão de grupo, uma vez, que, sendo este, um grupo extremamente difícil ao encontrarem-se na rua, ao ar livre, tiveram tendência a dispersar e a destabilizar, situação que ainda piorou pelo facto de nesta altura terem menos tempo de atividades no exterior e que implicassem o movimento e a libertação de energias.

Como estratégia para gestão do grupo e do tempo, fui criando um jogo de vidas com as crianças em que elas teriam inicialmente 3 vidas e cada apito mais alto que eu desse significaria uma perda de vida, ao terminarem as três vidas acabaríamos com o jogo. Esta estratégia ajudou a controlar os maus comportamentos que os alunos iam tendo ao longo das semanas de estágio e fez com que se unissem mais e trabalhassem em equipa pois se um perdesse, perderiam todos, assim sendo apesar da turma em si ser minimamente problemática a gestão do grupo e do tempo que despúnhamos para a aula de educação físico motor acabou por ser positiva, sendo esta uma atividade produtiva e divertida para todos.

3.ª Atividade

Esta terceira atividade está relacionada com a educação musical, na medida as crianças foram desafiadas a criar ritmos utilizando o seu corpo.

1.º Momento

Num momento inicial, a estagiária realizou ritmos utilizando as várias partes do corpo (bater palmas, bater com palma da mão na perna, bater com pé no chão), as crianças foram estimuladas a memorizar e a repetir os diversos ritmos executados.

2.º Momento

Nos seus lugares, em pé as crianças foram convidadas a cada uma realizar o seu próprio ritmo utilizando qualquer parte do corpo que desejasse, incluindo também o tempo da sua secretária.

3.º Momento

Por fim, e realizado uma espécie de espetáculo, à vez, cada criança dirigiu-se à frente do quadro e realizou o seu ritmo.



Imagem 14 – Ritmos criados

Esta atividade foi sem dúvida uma das minhas prediletas, uma vez, que a partir do corpo de cada um de nos é possível criar sons e ritmos totalmente diferentes e divertidos. Algumas crianças sentiram-se ligeiramente intimidadas e menos à vontade pelo facto de estarem à frente de todos, algumas crianças fizeram a atividade com os ritmos mais básicos possíveis, apenas para “despachar”, no entanto, houve muitas crianças a motivarem-se e envolverem-se e através do seu corpo criarem sons e movimentos muito completos.

O facto de toda a atividade ter sido feita simulando um espetáculo acabou por criar alguma dinâmica e magia na turma que surpreendentemente, respeitou e participou na atividade com respeito e responsabilidade.

A atividade foi pensada para todas as crianças, desde as mais tímidas às mais desinibidas, sendo que todas elas participaram de forma entusiasmada e autónoma. No decorrer deste jogo foi notória alguma agitação, uma vez que a turma não estava familiarizada com estas atividades mais dinâmicas, neste caso com a criação de músicas através do próprio corpo. No entanto, considero que foi muito positiva e acabei surpreendida com algumas das apresentações.

Existiram crianças, como já mencionado que se destacaram pelo à vontade que demonstraram ao apresentar em frente aos restantes colegas, porém, são as que já conhecia como as mais desinibidas do grupo. Por outro lado, algumas mais

envergonhadas, onde no dia-a-dia se mostram menos comunicativas, apresentaram também, os seus ritmos com entusiasmo e interesse na atividade, ao ponto de a restante turma aplaudir os colegas.

Piaget (1947, citado em Vandenplas-Holder, 1982) “A função mais importante do jogo sociodramático reside provavelmente no facto de ajudar a criança a adaptar-se afectivamente e emocionalmente à sociedade no qual é chamada a viver” (p.60). Também de acordo com Vandenplas-Holder (1982) “Na prática de jogos de papéis, a criança é criadora, unificando em novas combinações experiências dispersas e diversas. Esta criatividade dá-lhe uma profunda satisfação” (p. 59). E, é de salientar, mais uma vez, que foi notória essa satisfação pois demonstraram serem crianças com uma grande capacidade de imaginação, alegria e concentração.

Capítulo III - O Nosso Estudo

Introdução

Com o surgimento da pandemia do COVID-19, em pleno ano letivo de 2019/20, esta situação mundial obrigou as sociedades a adaptarem-se a uma nova realidade e a escola e a família a terem que repensar as suas rotinas e estratégias de intervenção educativa. Por isto, e pela minha motivação para a área do movimento e dança, optou-se assim por analisar as práticas quotidianas de Movimento e Dança em crianças da escola EPE e 1.ºCEB, numa análise descritiva e comparativa dos contextos educativos em situação normal e em período de quarentena. Para o efeito, efetuámos um pequeno estudo exploratório baseado na perspetiva de familiares, pais e mães, de um grupo de crianças de escolas do arquipélago da Região Autónoma dos Açores (RAA), onde se incluem algumas das crianças/alunos dos nossos estágios.

A escolha deste tema deve-se ainda ao facto de que, apesar de os alunos na região terem horas semanais de Educação Física/ Expressão e Educação Físico-Motora, algumas destas horas, muitas vezes, são utilizadas para complementar outras áreas disciplinares.

Com este estudo pretendeu-se perceber quais as atividades propostas pela escola, para que as crianças conseguissem ultrapassar esta situação de maior condicionamento de movimento usufruindo de todas as potencialidades de alguma prática de atividade física; assim como, conhecer através das perspetivas dos seus familiares o impacto que a prática de movimento, ou a sua falta, teve nestas crianças. A realização deste estudo foi efetuada em dois momentos, num primeiro com uma amostra mais restrita que acompanhou o meu estágio e do qual resultou uma apresentação de trabalho e produção de capítulo em livro. Um segundo, desenvolvido neste relatório, com maior extensão (amostra e análise das questões).

A apresentação deste estudo está dividida em diversas partes que são apresentados sequencialmente: 1. um breve enquadramento teórico acerca da temática recorrendo a bibliografia e a documentos norteadores; 2. Os métodos e procedimentos adotados com a apresentação dos três objetivos específicos do estudo, o(s) instrumento(s) de pesquisa e as suas características, a apresentação da amostra e os métodos de análise dos dados recolhidos; 3. a apresentação dos resultados de forma detalhada, com caracterização dos participantes da nossa amostra e com análise dos dados das respostas e sempre que possível a sua discussão; por fim, no ponto 4. surge a conclusão final.

5. A Perspetiva dos Familiares sobre as Práticas Quotidianas de Movimento e Dança de um Grupo de Crianças, em dois Contextos Educativos – Normal e Período de Confinamento

5.1. Enquadramento do Estudo

Na atualidade, a humanidade passa por uma situação única, a pandemia do COVID-19 e a escola foi obrigada a adaptar-se a uma nova realidade. Os Educadores e Professores esquecem-se muitas vezes da importância do movimento e do contributo que este traz para o desenvolvimento e aprendizagens das crianças em contexto normal e, assim sendo, é fundamental que compreendamos qual o papel da escola na prática de atividade física destas crianças não só em período normal, mas também a partir da altura de quarentena, onde o tempo de exposição a écrans aumentou não só nos tempos de lazer mas também agora em tempo de trabalho escolar. Por tudo isto, cremos, que as possibilidades de movimento ficaram mais reduzidas, aumentando o sedentarismo.

Henriques (2017), num artigo de opinião afirma que compreende “que existem certas áreas que socialmente são vistas como mais importantes e que, por isso, é natural que os professores abdicuem de outras que são vistas como de segunda ou de terceira...” o mesmo professor ainda afirma que não compreende, enquanto pai e professor “Como é que a Escola ignora o facto de Portugal ser o [quinto país com a maior taxa de obesidadeda OCDE](#) em crianças e jovens até aos 15 anos”. (Henrique, 2017, acedido em: <http://www.arlindovsky.net/2017/12/opiniao-faltam-expressoes-no-1-o-ciclo-alexandre-henriques/>)

Numa fase em que as escolas se tornaram virtuais e contam com o apoio incondicional da família, os pais assumem um papel importante na promoção de atividade física na vida dos seus filhos. Os pais são grandes influenciadores do modo de vida dos filhos, sendo grande parte destas influências exercidas de forma involuntária, através da observação que as crianças têm em casa, levando as crianças a adquirirem hábitos que são observados no seio familiar ou fora dele é essencial, assim, perceber as perspetivas dos pais.

Deste modo, cremos que ao tentarmos compreender, segundo a perceção dos pais, quais as atividades propostas pela escola, em contexto normal e em confinamento de situação pandémica, e o impacto que essa prática ou a falta de práticas de movimento têm nestas crianças, estamos a contribuir para enriquecer as potencialidades do seu corpo em

movimento e, assim, melhorar os seus hábitos de vida pelo acréscimo de atividade.

O trabalho de atividade física moderada e intensa, possível através do movimento do corpo, em exercícios posturais e em habilidade motoras, em jogos rítmicos e de exercício e/ou com colegas realizados desde cedo, salienta-se num grupo de práticas que se desenvolvem mesmo em situações pouco organizadas nos tempos livres, nas brincadeiras e nos jogos de infância.

Desde o nascimento, as crianças movimentam-se e gradualmente aproximam-se de possibilidades corporais para a interação do mundo. Segundo Garanhan e Nadolny (2014), é por meio do movimento que as crianças aprendem sobre si mesmas, que se relacionam com os outros e com os objetos, que desenvolvem capacidades e aprendem habilidades. Estas autoras defendem ainda que o movimento é um recurso utilizado para expressar pensamentos e experimentar relações com pessoas e objetos.

A criança precisa de se movimentar, agir para, assim, conhecer e compreender o que a rodeia. Neste sentido é de extrema importância que o ensino na EPE e Educação Básica contemple sempre o movimento corporal.

Condessa (2015) afirma que ao falarmos na prática física ou desportiva estamos a falar de um direito, uma vez que um dos principais objetivos da educação diz respeito à promoção do desenvolvimento da personalidade da criança, dos seus dons e aptidões físicas e mentais. A autora defende ainda que a prática física e regular, proporcionada na educação física escolar ou nas práticas desportivas, tem uma inter-relação com as capacidades físico-motoras e sócio cognitivas do indivíduo.

É neste seguimento que se salienta igualmente a importância da brincadeira, pois brincar contribui para o desenvolvimento psicológico, cognitivo, afetivo, social e motor das crianças, sendo uma atividade fundamental às primeiras aprendizagens. Assim sendo, a brincar a criança desenvolverá diferentes aspetos, inclusive físico e motores e, ao mesmo tempo, tem a possibilidade de entender que esses movimentos têm significados, manifestam-se com o objetivo de expressão e comunicação e em diferentes práticas, como: os jogos e as brincadeiras (escondidas, trepar a árvores), as ginásticas, as danças.

Na realidade atual, em que a humanidade ultrapassa tempos difíceis devido ao surgimento do vírus covid-19, é evidente falta de movimento. Neste momento, são evidenciadas pelo Professor e Investigador Carlos Neto elevadas preocupações para com o sedentarismo e iliteracia motora, uma vez que “as crianças já tinham uma situação de analfabetismo motor muito elevado, agora, provavelmente, com três meses fechados em casa, prisioneiros em casa essa situação piorou” (Neto, 2020).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), as crianças devem brincar, movimentarem-se durante três horas por dia, no entanto, em Portugal as crianças, em média, brincam apenas durante uma hora e meia por dia, sendo que a tecnologia é vista como a ferramenta que mantém as crianças quietas e sossegadas dando oportunidade aos pais de realizarem outras tarefas. Neste seguimento, é importante salientar, que a tecnologia não deve ocupar o lugar das atividades físicas. O Professor Jorge Teixeira (2020), salienta que as TIC, que gradualmente vão adquirindo uma maior importância na nossa vida, e principalmente no período de confinamento não são um fim mas sim um meio para atingir determinados objetivos. As tecnologias asseguram algumas das condições necessárias para que o foco das aprendizagens possa ser mais criativo e dinâmico (Teixeira, 2020).

O potencial educacional das novas tecnologias ganhou relevante importância face à conjuntura pandémica, torna-se também nesta fase um catalisador de pesquisas e aprendizagens interdisciplinares e, até, também transdisciplinares.

Todavia é de extrema importância que as tecnologias não ocupem o tempo que deverá ser despendido na AF, no brincar, Condessa (2009) refere que:

nos primeiros anos, o corpo e o movimento intervêm enquanto requisito necessário para desenvolver na criança a capacidade para comunicar sensações, emoções, ideias, mensagens; conhecer a sua corporalidade e dominar as estruturas espaço-temporais e relacionais; obter ganhos de controlo motor, autonomia, interação em grupo, capacidade para realizar jogos (de movimento, simbólicos e dramáticos), sensibilidade estética e capacidade criadora (p.268).

Neste seguimento, é a partir do seu corpo que a criança “(...) interage com o outro, potenciando o desenvolvimento de competências sociais. Pois, a criança ao dominar a sua motricidade ou ao ser capaz de praticar alguma atividade artística ou desportiva sente-se bem consigo própria, como também é vista pelos pares com reconhecimento e pelos familiares com orgulho” (Condessa e Melo, 2013, p.1096).

A OMS defende, que se “a atividade física saudável, o comportamento sedentário e os hábitos de sono forem estabelecidos no início da vida, isso ajuda a moldar os hábitos desde a infância, adolescência e até a idade adulta.” (OMS, 2019, acedido em: <https://news.un.org/pt/story/2019/04/1669601>)

A mesma organização (OMS) identifica a inatividade física como um dos oito fatores de risco que mais limita a saúde. Defende ainda que “é unânime considerar-se que a prática de AF regular concorre para a melhoria da saúde positiva, isto é, biopsicossocial e para o bem-estar ao longo da vida.” Neste seguimento, a idade escolar surge como uma oportunidade única para intervir através de experiências positivas de AF, primordiais na prevenção do sedentarismo.

É também defendido pela Direção Geral de Educação (DGE) que “uma parte do período escolar não letivo e/ou do período não escolar à prática de AF e desportiva pode contribuir para o sucesso escolar.” Este sucesso escolar pode ocorrer devido à melhoria de funções cognitivas básicas como a atenção e memória que são aperfeiçoadas pela prática de AF. A promoção da AF e desportiva dentro e fora do meio escolar é essencial. (2017)

No nosso País, segundo a DGE, “as crianças e os jovens passam aproximadamente 545 minutos do dia em atividades sedentárias, o que corresponde a 65% do tempo de registo.” Neste sentido, torna-se ainda mais alarmante a falta de prática da atividade física em tempo pandémico, uma vez que é provável que jovens permaneçam mais tempo sentados em atividades sedentárias em ecrãs de computador, televisão, vídeos jogos e até no ensino à distância, o que, conseqüentemente, acarretará uma redução dos níveis de atividade física. Desta forma, Júnior, Paiano & Costa (2020) afirmam que “as inserções de momentos ativos em casa são necessárias, pois quanto menos tempo sedentário, melhor será a qualidade vida relacionada a saúde em crianças e adolescentes.”

Almeida *et al.* (2021, p. 41) afirmam que sendo o distanciamento social umas medidas necessárias para prevenção surgem com ele elevados problemas físicos e psicossociais. Os mesmos autores declaram que “a literatura científica e os órgãos de saúde são unânimes ao destacar os potenciais benefícios da prática regular de atividade física para combater esses problemas. “Sendo assim é fundamental que tanto os familiares como os educadores/professores, em conjunto com os órgãos de saúde fomentem a prática regular de atividade física em casa.

5.2. Métodos e Procedimentos

5.2.1. Os Objetivos do Estudo

Este estudo que surge como reforço à temática do meu relatório de estágio teve como objetivos específicos:

- ✓ Conhecer, através das perspetivas da família (pais e mães) as suas conceções e práticas de Atividade Física e o seu impacto nos seus educandos.
- ✓ Analisar quais as atividades físicas desenvolvidas em contexto de escola e fora da escola de um grupo de crianças da EPE e 1.ºCEB da RAA, em contexto educacional normal;
- ✓ Perceber quais as atividades propostas pela escola, para que um grupo de crianças da EPE e 1.ºCEB da RAA, em contexto educacional de pandemia – na escola e em casa.

5.2.2. Instrumento e Análise de Dados

Para esta pequena investigação aplicou-se um inquérito por Questionário a familiares de um grupo de crianças da EPE e 1.ºCEB da RAA. Este instrumento foi realizado para este trabalho no *Google Forms* (Anexo 2), e aplicado após período de confinamento pandémico (abril –junho de 2020), integrando questões fechadas e de resposta múltipla e algumas questões abertas. Para uma análise mais rigorosa, podemos dizer que as questões do questionário se apresentam em resposta à seguinte necessidade de conhecer:

1. a caracterização do inquirido, ou seja, a caracterização dos familiares das crianças, bem como das suas conceções acerca da Atividade Física;
2. a características da criança/ aluno, onde se encontra incluídos a idade, o ano de escolaridade, o género, as rotinas, o número de vezes em que pratica atividade física semanalmente e ainda, o impacto que o período de confinamento teve na sua vida;
3. como é que atividade física é promovida na escola e na família em contexto

educativo normal e no 1.º período de confinamento.

Acrescentaram-se ainda alguns dados recolhidos pela estagiária, nas escolas do estágio à qual pertenciam algumas das crianças do estudo, através de diário de bordo (observações participantes realizadas na escola durante o período de estágio).

A amostra:

Para a concretização deste estudo participaram familiares (pais e mães) de um grupo de crianças pertencentes a escolas da RAA (n=80).

A análise dos dados:

Para este estudo recorreu-se a uma análise descritiva, interpretativa e comparativa dos dados recolhidos e apresentados em tabelas e gráficos de frequência e percentagem. Usaram-se as questões abertas do questionário e a informação do diário de bordo para reforço de algumas conceções e práticas observadas, recorrendo sempre que possível a uma análise de conteúdo.

5.3. Apresentação dos Resultados e Discussão

Iremos iniciar esta análise recorrendo primeiro à caracterização das crianças e familiares do nosso estudo.

Para a concretização deste estudo, dos 80 familiares que constituem a nossa amostra integram pais/mães de crianças que participaram nas turmas de estágio (n=27; 33%), que decorreu na ilha de São Miguel, como também participaram familiares de outras crianças dessa ilha e de outras ilhas (Graciosa, Faial e Flores) selecionadas aleatoriamente (n=53; 67%) (gráfico 1).

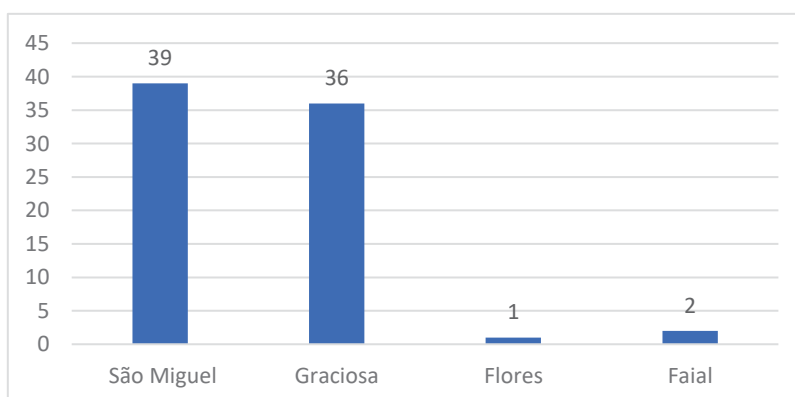


Gráfico 1- Ilha em que se localiza a escola dos Educandos

No que toca às crianças a que reporta o nosso estudo 80.7% frequentavam o “1.ºCiclo” de escolaridade e as restantes frequentavam a “Educação pré-escolar” (9%) ou encontravam-se em “outra situação” (10,3%), sendo que 59% eram do género masculino e 41% do feminino.

A nossa amostra de inquiridos, familiares das crianças do estudo, caracterizavam-se por ser: a. quanto ao género, representavam mais elementos do género masculino (57,5%) embora existisse 42,5 % do feminino; b. de idades variadas, onde a maioria, 58,2%, dos inquiridos estava inserido no grupo dos 36 aos 45 anos; seguindo-se de 31,3 % com idades compreendidas entre 26 e 35 anos, 6,25% dos inquiridos estavam inseridos no grupo dos 46 aos 55 anos e apenas 25% dos inquiridos tinha idade inferior a 25 anos.

De acordo com os dados obtidos averiguou-se as conceções dos pais quanto à importância da prática de atividade física em geral, no quotidiano e no seio familiar, revelam haver uma consciência crescente da importância da AF na educação em geral (87,5%).

Contudo, na prática registamos alguns retrocessos na vida destas crianças que na sua vida quotidiana praticavam algum tipo de AF (escola e clubes desportivo) situação de que a família também é consciente (71,8%).

Quando questionados sobre o impacto que o primeiro confinamento teve na vida dos seus educandos, muitos pais focam o acréscimo do sedentarismo – em muitos casos acompanhado com acréscimo de peso e perda de coordenação e agilidade. A necessidade de realizar atividades ao ar livre e de interação com pares, foram dois aspetos muito mencionados (gráfico2).

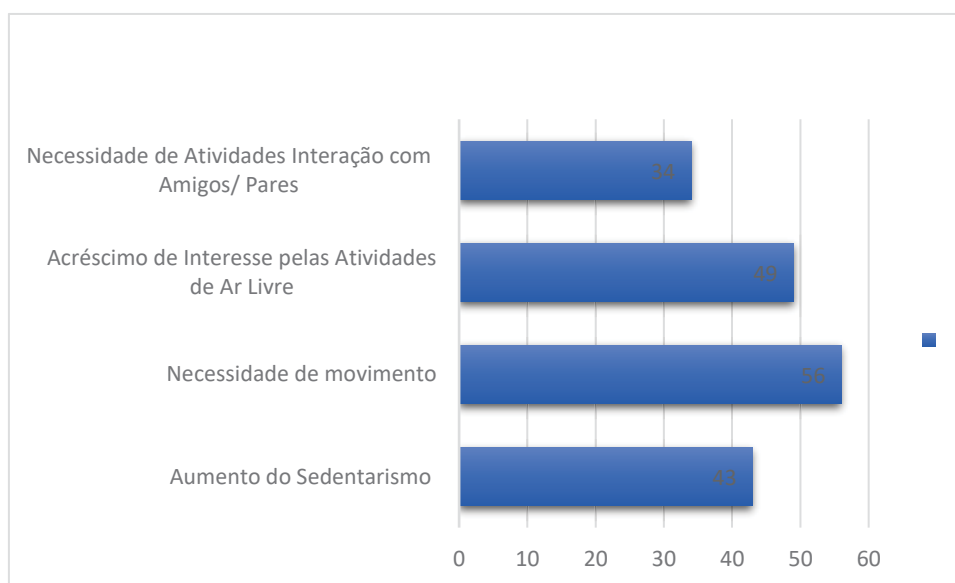


Gráfico 2-O impacto que a quarentena teve na vida dos seus educandos na perspetiva dos familiares

Ao analisarmos a figura, acima representada, podemos conferir que o maior impacto que a quarentena ocorrida no primeiro período de confinamento teve na vida das crianças, segundo as perspectivas dos familiares, foi o aumento da necessidade de movimento, 70% dos pais confirmaram que os seus educandos necessitavam cada vez mais de se movimentarem neste período. Outro aspeto, também muito mencionado foi o interesse pelas atividades ao ar livre, sendo que 61,3% dos inquiridos afirmou que havia nas suas crianças um acréscimo no interesse em praticar AF ao ar livre. O aumento do Sedentarismo também foi mencionado por uma grande parte dos familiares, 53,8%. Por fim averiguou-se que esta fase difícil da vida da humanidade também trouxe um aumento da necessidade de interagir com o outro, sendo que 42,5% dos inquiridos afirmou sentir essa carência crescente nas crianças.

Para a maioria dos pais (62,8%) os seus filhos expõem-se a ecrãs de dispositivos tecnológicos variados de 2 a 4 horas diárias, para 30,8% menos de 2 horas e para 6,4% de 5 a 7 horas diárias. Este valor, foi decerto, acentuado com o período de quarentena, já que a escola recorreu a plataformas informáticas e à televisão para dar continuidade ao ensino. Conte, Habowski e Rios (2019) referem que “a cena de ver crianças explorando diferentes recursos tecnológicos como celulares e tablets para entretenimento é cada vez mais comum, visto que, na maioria das vezes, esses aparelhos são oferecidos pela própria família, para que possam se distrair ou acalmar-se.” (Página 45). Refletindo sobre esta afirmação, numa fase em que a família se encontra isolada, em confinamento é de esperar que haja um aumento do tempo em que as crianças passam em frente a um ecrã como forma de distração.

De acordo com o observado nas escolas de estágio foi possível comprovar que, na educação pré-escolar são realizadas atividades referentes a movimentos de Deslocamento e Equilíbrios, nomeadamente, correr, saltar (saltitar, à corda, pé coxinho) (imagem 10), atividades de Perícia e Manipulações (imagem 11) e alguns jogos.



Imagem 15– Deslocamentos e Equilíbrios



Imagem 16–Perícias e Manipulações

De acordo com as OCEPE (2016) no que diz respeito aos Deslocamentos e Equilíbrios, a criança ao entrar no pré-escolar já ao usufrui de habilidades motoras básicas, como andar, correr, transpor obstáculos, manipular objetos. Sendo que, deverão ser “criadas situações em que a diversificação de formas de utilizar e de sentir o corpo deem lugar a situações de aprendizagem em que há um controlo voluntário desse movimento – iniciar, parar, seguir vários ritmos e várias direções.” É também através diferentes formas de movimento que é possível à criança tomar consciência das várias partes do seu corpo, bem como das suas possibilidades e limitações. Este aspeto torna mais fácil a interiorização do esquema corporal e a perceção do corpo em relação ao espaço exterior. Quanto aos movimentos de Perícia e Manipulações, estas atividades motoras básicas de reconhecimento e domínio de objetos (bolas, cordas, arcos, raquetas, balões, etc.) permite à criança explorar a relação do corpo com os objetos em movimento no espaço. No que toca aos jogos com os colegas, a criança envolve-se num conjunto de interações sociais favorecidas por diferentes formas de organização (individual, a pares, em equipas, tais como jogos de perseguição, de precisão, de imitação, etc.), explorando à cooperação e à oposição (jogos só com opositores; com opositores e com objetos; com opositores, com objetos e com o espaço de jogo), muitas dessas situações encontramos nos jogos tradicionais.

No que refere ao 1.º Ciclo, a atividade física é realizada três vezes por semana, sendo que duas são dirigidas por um professor específico da área e uma realizada pelo professor titular, neste contexto já é possível encontrar atividades formativas, como, situações de jogo, concursos e outras tarefas a par ou em grupos homogéneos e heterogéneos. As Aprendizagens Essenciais de Educação Física para o 1.º Ciclo do Ensino Básico tem como objetivo garantir o desenvolvimento das capacidades psicomotoras essenciais, exigidas nos diversos estádios de desenvolvimento motor, cognitivo, social e afetivo que caracterizam este nível etário. Nesta fase, as crianças aprendem e aperfeiçoar as habilidades mais significativas e fundamentais para aprendizagens futuras, seja através de formas típicas da infância (lúdicas e expressivas) seja através de práticas que as favoreçam num plano social e relacional.

No que diz respeito às atividades propostas pela escola, para um grupo de crianças da EPE e 1.ºCEB da RAA, em contexto educacional de pandemia – na escola e em casa registamos que 85,3% dos pais mencionaram que o acompanhamento à AF foi feito pelos profissionais de educação, professores titulares e especialistas, através dos recursos tecnológicos (tabela 1).

Atividade Praticada Casa		Frequência Semanal	
<ul style="list-style-type: none"> • Sim - 98,2% 		<ul style="list-style-type: none"> • 1 a 2 xs (57,3%) • 3 xs (26,7%) • Mais de 3 xs (16%) 	
Recurso de Apoio		Espaços	
<ul style="list-style-type: none"> • Plataforma Internet – 76% • Televisão – 9,3% • Outra Situação – 14,7% 		<ul style="list-style-type: none"> • Casa e Ar Livre (Quintal) – 61,8% • Só Casa – 31,2% • Ar Livre (Rua) – 7% 	
Envolvimento na Atividade		Atividades Mais Mencionadas	
<ul style="list-style-type: none"> • Isolado – 45,3% • Apoio familiar – 54,7% 		Deslocamento e Equilíbrios - Correr, saltar (saltitar, à corda, pé coxinho), Perícias e Manipulações - Manipulação (lançar, driblar e pontapear)	
		Atividades Menos Mencionadas	
		Dança; Jogo; Ginástica; Patinagem	

Tabela 1. Apoio dos Professores na Prática de AF dos seus Educandos, no Período Pandémico

Pode-se inferir que a maioria, ou quase totalidade das crianças teve orientação do professor para realizar AF em casa, sendo que na maioria das situações as orientações foram transmitidas através da internet e realizadas, pelo menos, até 2 vezes por semana. No que se refere às atividades sugeridas predominaram os deslocamentos e manipulações, sendo o espaço importante e, por isso, muitas vezes não decorreram em casa, mas ao ar livre. Nesta fase, muitas crianças necessitaram de apoio da família para conseguir o propósito pedagógico da prática veiculada pela escola, que serve para enriquecer o repertório físico e motor - contributo muito positivo e único na infância, em oportunidades essenciais para as aquisições essenciais ao seu “bem-estar” (Condessa, 2019, p.109).

No que diz respeito à AF realizada pelas crianças para além da Educação Física da escola podemos conferir que 28,2% dos educandos dos inquiridos não praticava outro tipo de atividade física para além da Educação Física, enquanto 71, 8% dos inquiridos praticava outras atividades (gráfico 3).

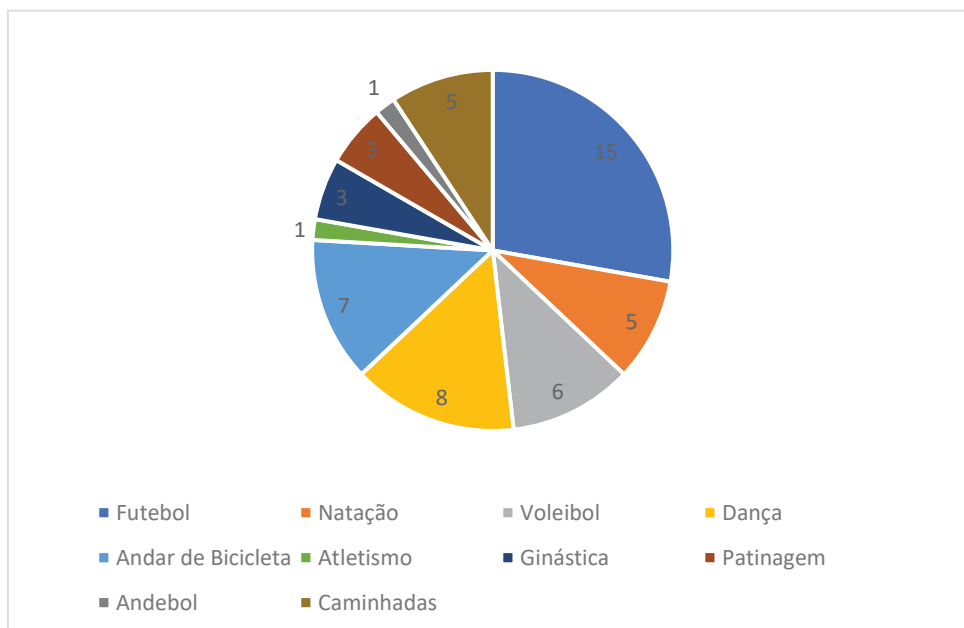


Gráfico 3 – Atividades extracurriculares praticadas pelas crianças

Podemos averiguar assim, que para os educandos dos inquiridos, o futebol é a grande escolha para atividades extra (18,8%), seguindo-se da Dança (10%), o andar de Bicicleta (8,8%) e o voleibol (7,5%).

Curiosamente, as atividades físicas de ar livre dinamizadas pelos pais, sobretudo ao fim do dia e da semana, não diferiram muito do habitual (tabela 2), havendo, porém, a intenção de equilibrar o confinamento a que foram sujeitos. Realce-se que muito antes desta situação, num trabalho semelhante, Cordeiro (2013, p. 44 e 45) menciona uma menção idêntica pelos pais do seu estudo, em que as práticas de “AF ao ar livre”, quer no dia de semana e, sobretudo no fim de semana eram as mais usuais.

Sit. Normal	Sit. Pandémica
Sim - 64 (80%)	Sim - 55 (68,75%)
<ul style="list-style-type: none"> • Caminhadas, Passeios e Trilhos (Ar Livre) • Corrida e Exercício • Danças e Jogos • Jogos Tradicionais • Skate, Trotinete, Bicicleta • Desporto 	

Tabela 2. Apoio dos Pais na Prática de AF dos seus Educandos em Casa e tipo de atividades.

Ao analisarmos as respostas dos inquiridos observamos que poucos mencionaram a realização de atividade de dança; jogo, ginástica e patinagem no primeiro período de confinamento. Esta situação, veio agravar as tendências existentes nas escolas em que as “atividades que exploram mais a sensibilidade, a estética, a expressão corporal, tais como, a dança (...) são quase totalmente esquecidas” (Condessa e. Anastácio, 2016, p.97).

Também o jogo, não foi privilegiado e as atividades de interação com pares foram substituídas por uma uma interação privilegiando criança- adulto, que é de todo menos proficua para as crianças do que as práticas realizadas com os seus pares nos jogos e brincadeiras de atividade física, curricular ou livre (Rodrigues Fernández et al., 2019).

Como forma de assegurar esta afirmação, podemos analisar as respostas dos inquiridos à pergunta “Se dissesse ao seu educando que amanhã podia retomar a sua vida normal, qual acha que seria a atividade de movimento que ele mais iria gostar de fazer?” (gráfico 4).

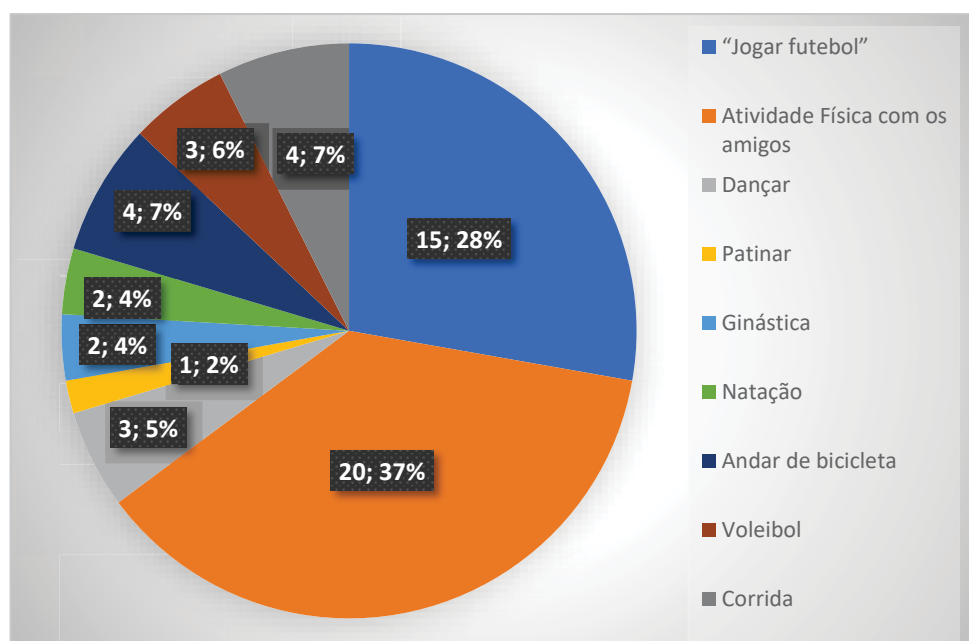


Gráfico 4 – Respostas à pergunta “Se dissesse ao seu educando que amanhã podia retomar a sua vida normal, qual acha que seria a atividade de movimento que ele mais iria gostas de fazer?”

As respostas à última questão do questionário levam-nos a refletir sobre a importância que tem a interação entre pares, com os amigos com as crianças, ao analisar o gráfico circular acima podemos conferir que a maioria dos inquiridos respondeu que os seus educandos gostariam de voltar a realiza atividades com os seus amigos, “Brincar com os amigos” / “Saltar e correr com os amigos” / “ir ao parque com os amigos” foram algumas de questões obtidas. Nesta mesma linha de pensamento podemos verificar no gráfico que atividades como o voleibol, o futebol e até mesmo o dançar são atividades coletivas que requerem mais do que um elemento.

Conclui-se assim que apesar do esforço dos pais, professores e todos os familiares envolvidos esta fase nem todas as crianças usufruíram das mesmas oportunidades e de acordo com o que é destacado por Gonçalves (2014, p. 211) a “AF para todos só faz sentido quando todos têm as mesmas condições (infraestruturas, disponibilidades, transportes e acessibilidades) para a realizar.

Conclusão

Através deste estudo e conseqüente pesquisa pude verificar algumas conclusões que pela dimensão do estudo não podem ser generalizadas. Em síntese, podemos dizer que:

1. Os nossos inquiridos, a maioria pais jovens, do sexo masculino, em geral valorizam a atividade física e a prática da mesma, havendo uma grande maioria que incentiva a prática regular dos seus educandos em contexto extracurricular – clubes e ao ar livre.
2. Os familiares reconhecem que houve aumento de sedentarismo no Período pandémico e a prática de atividade física das crianças apenas foi possível devido ao esforço e trabalho de equipa entre familiares e escola e os familiares reconhecem que houve aumento de sedentarismo.
3. No que toca à atividade física promovida pelas escolas esta na sua maioria está de acordo com as orientações da Direção Geral da Educação e procura desenvolver nas crianças diversas capacidades motoras e mentais, priorizando uma prática física saudável.
4. Apesar de os professores terem criado situações para a prática de atividade física, nem todas as crianças tiveram as mesmas oportunidades, uma vez que possuem recursos e espaços diferentes.
5. As atividades de atividade de dança; jogo, ginástica e patinagem, foram as menos referidas, aquando das práticas de EF no primeiro período de confinamento
6. Hoje em dia, e com o surgimento das novas tecnologias, torna-se cada vez mais importante criar atividades motivadoras e dinâmicas para as crianças obterem os conteúdos de uma forma mais facilitadora, despertando nelas o gosto e interesse pela prática de exercício físico.

Na fase em que vivemos é importante perceber, como futura educadora/professora, o impacto que estes últimos meses tiveram na vida das crianças. Este estudo veio proporcionar a oportunidade de perceber mentalidades e conceções que os pais tem acerca da atividade física, sendo na minha opinião necessário que haja alterações na vida quotidiana das crianças, que em vez de dispositivos tecnológicos as crianças tenham possibilidade e ferramentas para brincarem, dançarem, movimentarem-se. Pois tal como afirma Silva e Costa. (2011, p.43) nas crianças, a atividade física desempenha um papel essencial para a condição física, psicológica e mental. “A prática da atividade física pode

aumentar a autoestima, a aceitação social e a sensação de bem-estar entre as crianças.” De acordo com a atividade proposta, as crianças aprendem a dividir, trabalhar em equipa e algumas vezes com pequenas competições, são estimuladas a aprenderem o perder e o ganhar respetivamente.

Considerações finais

Após uma reflexão aprofundada acerca de todo o meu período acadêmico, o percurso realizado desde que entrei na universidade culminando nos estágios Pedagógicos I e II, realizados no pré-escolar e no 1.º Ciclo respetivamente, concluo que todos estes momentos e, em particular, o da profissionalização no período de estágio, com todas as suas vivências e vicissitudes, contribuíram para a minha formação enquanto pessoa, cidadã e profissional na área da educação. Todos estes momentos de contacto com as crianças, os pares e outros profissionais da EPE e 1.ºCEB, fizeram-me crescer, aprender e ver que segui o caminho correto ao ingressar neste curso.

Foi ao longo do meu estágio, com todas as intervenções e práticas supervisionadas, e com o apoio diário dos professores/supervisores, quer os da Universidade, quer os das Escolas de Estágio, que me fui apercebendo das minhas dificuldades e como as podia ultrapassar, tentando sempre evoluir nas minhas competências de docente. Durante todo este período de formação foram criadas oportunidades de avaliar situações, estratégias e recursos a usar em prol da melhor qualidade de aprendizagem das crianças/alunos.

Ao contrário do que eu esperava, foi no estágio do Pré-Escolar que encontrei maiores dificuldades, uma vez que o grupo de crianças era muito interessado e empenhado e, no início, nem sempre o que planifiquei foi seguido, pois ao reparar que as crianças necessitavam de atividades mais desafiantes e com intencionalidade educativa mais ajustada, fui ajustando as práticas e, conseqüentemente, moldando as minhas intervenções aos interesses/ necessidades do grupo/criança. No entanto, é de salientar que ao longo do estágio surgiram momentos em que me era difícil explicar conteúdos, que para mim seriam básicos, de uma forma mais destruturada e simples. Esta foi, sem dúvida uma experiência muito recompensadora, não só pelas aprendizagens transmitidas pela educadora titular, mas também pelo interesse e criatividade do grupo de crianças, pois esta característica deles fez-me despertar o lado mais criativo, investindo em diversos recursos, jogos, músicas originais, danças e outras atividades lúdico-dinâmicas que, na minha opinião, favoreceram o desenvolvimento e as aprendizagens das crianças.

No estágio do 1.º Ciclo deparamo-nos todos com a situação pandémica, com as conseqüentes intervenções à distância e com todas as desvantagens que esta situação nos trouxe. Na primeira turma, do segundo ano, registámos logo uma falta de laços afetivos que não conseguimos estabelecer sem ensino presencial aquando do início. Procurei

desde logo criar este laço apresentando vídeos com a minha imagem e voz, de forma que as crianças percebessem quem estava do outro lado do ecrã. Foram igualmente utilizadas danças, apresentações de conteúdos com PowerPoint, jogos, músicas, no entanto neste período de ensino à distância o feedback obtido foi praticamente nulo. Ao voltarmos às aulas presenciais já com as crianças no 3.º ano foi possível avaliarmos a turma em que estava inserida, revelou-se ser uma turma desinteressada, com falta de atenção, no entanto este estágio foi muito gratificante, pois ao deparar-me com estas dificuldades tentei criar novas, estratégias, dinâmicas, tentei superar-me a mim mesma, dando-me assim, a cada aprendizagem das crianças um “sabor” a vitória.

Quanto ao desenvolvimento da temática, no decorrer das aulas tentámos privilegiar a área e em simultâneo iniciámos um estudo, realizado de forma faseada, efetuando um pequeno trabalho que foi estendido – acréscimo da amostra. Este levou-nos a perceber que a atividade física, o movimento, a dança são fundamentais para o desenvolvimento das crianças e para o bem estar da sociedade em geral. Este estudo levou-nos a refletir sobre os hábitos das crianças da atualidade que cada vez mais transformam os seus momentos de lazer, e agora de trabalho, em atividades de écran (aulas e jogos) quer em computadores, telemóveis e tablets. Neste estágio, confirmámos a importância que estas novas tecnologias têm na nossa vida, mas é urgente percebermos que apesar das diversas utilidades que as tecnologias têm no nosso quotidiano, educar/ensinar em silêncio e parado, com falta de movimento e vivacidade próprio da criança, não é uma delas!

Neste estudo podemos verificar que as crianças necessitam de se movimentar de praticar atividade física, de brincar ao ar livre, de correr, saltar com os amigos. No meu íntimo anseio que depois de voltarmos à vida normal os adultos tenham mais tempo para se dedicar às crianças, que os educadores e professores percebam que a atividade física é necessária para o desenvolvimento saudável das crianças.

Durante o estágio foram-se verificando algumas limitações aquando da tentativa de implementação de práticas em contexto de aula com atividades de movimento, principalmente na dança, não só pela necessidade de valorizar outras áreas do currículo, mas também porque detetámos que ainda existem alguns preconceitos em relação aos meninos/ rapazes dançarem. No entanto procurei sempre arranjar estratégias, por exemplo preparar vídeos de aula para o ensino à distância para promoção e mostrar vídeos de grandes bailarinos.

No que toca ao desenvolvimento do tema e ao estudo é necessário salientar a falta

de feedback que tive dos familiares aquando das atividades de ensino à distância, que promovi para as crianças que estavam em confinamento, pelo que acabei por ter muito pouco tempo de observação e, para o presente relatório dificulta nas reflexões das práticas de estágio apresentadas. Assim, baseei-me maioritariamente nas respostas que obtive dos inquiridos do estudo.

Aos futuros estagiários, aconselho a embeberem tudo o que vão aprendendo ao longo do percurso académico, pois aprenderam muito com quem os rodeia, com os professores Universitários com os educadores/ professores cooperantes, das Escolas de Estágio, o par pedagógico, sobretudo, com as crianças. Acho importante, também que cada estudante, estagiária escolha para o seu relatório um tema que lhe transmita algo, um tema que lhe interessa, que goste e aprecie.

Deveremos fazer esta caminhada com humildade e vontade de aprender, é necessário saber que nunca sabemos tudo e que cada ser humano que passe por nos tem algo a nos ensinar, até mesmo as crianças pequenas.

Referências Bibliográficas

Alarcão, I. (1996). Ser professor reflexivo. Em I. Alarcão (Org.), *Formação reflexiva de professores: Estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.

Almeida, V. (2016). *A Importância da Dança na Educação Infantil*. Disponível em <https://www.valmeida.pro.br/blog-dinamico/43-aimportancia-da-danca-na-educacao-infantil>, acessado em: 10 de fevereiro de 2016

Alonso, L. (2011). *Referencial Curricular para a Educação Básica na Região Autónoma dos Açores*. Açores: Secretaria Regional da Educação e Formação. Direcção Regional da Educação e Formação.

Alves, J. M., & Cabral, I. (Eds.). (2020). *Ensinar e aprender em tempo de COVID-19: entre o caos e a redenção*. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa

Araújo, F. M. (2015). *A Avaliação Formativa e o seu impacto na melhoria da aprendizagem*. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Avões, P. M. (2015). *O Feedback dos professores e o Envolvimento dos alunos na escola: Um estudo com alunos do 9º ano*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Barbosa, A. M. (2012). *A Relação e a Comunicação Interpessoais entre o Supervisor Pedagógico e o Aluno Estagiário*. Escola Superior De Educação João de Deus.

Bacon, A & Mendes, T (2015). *PROFISSÃO DOCENTE: O QUE É SER PROFESSOR?*. XV Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. Paraná:Brasil

Berge, Y. (1976). *Viver o seu corpo*. Lisboa: Ed. Sociocultural.

Conboy, C. C. (2015). *Feedback , Identidade, Trajetórias Escolares: Dinâmicas e Consequências*. Universidade de Lisboa.

Condessa, I. (2006b). Os Ambientes Facilitadores de Aprendizagem na Educação Física Infantil. *Revista Cinergis*, vol.7, nº2 (jan./jun.), pp.9-28. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC;

Condessa, I. (2009). A Educação Física na Infância. Aprender: a Brincar e a Praticar. In Condessa, I. (2009). *(Re) Aprender a Brincar: Da Especificidade à Diversidade*. (pp.37-49). Ponta Delgada: Universidade dos Açores;

Condessa, M.I. & Melo, A.M. (2013). Olhares de Educadores e Professores sobre o Ensino das Expressões na Educação Infantil e 1.º Ciclo do Ensino Básico. Estudo de Caso numa escola de estágio. In T. Estrela et al. (Eds.) *Formação Profissional: Investigação Educacional sobre teorias, políticas e práticas*. Lisboa: Atas do XX Colóquio da Secção Portuguesa da AFIRSE 2013 (pp. 1092-1104), Lisboa: EDUCA/Secção Portuguesa da AFIRSE.

Condessa, M.I.C. (2015). "Educação Física e Desporto para Crianças e Jovens. Boas Práticas: da Educação Física ao Desporto". In J. Nascimento., E. Souza., V. Ramos. & J. Rocha (Eds.), *Educação Física e Esporte: convergindo para novos caminhos...*, Coleção *Temas em Movimento*. Volume 7, (pp. 427-450), Florianópolis: Editora da UDESC

Condessa, I.C. & Anastácio, Z.C. (2016). Intervir através da Educação Física na Coeducação: Realidade ou Intenção? In. *International Journal of Developmental and Educational Psychology INFAD Revista de Psicología*, Vol. 2, n.º 1, pp.89-98. ISSN: 0214-9877. Disponível em [http:// dx.doi.org/10.17060/ijodaep.2016.n1.v2.216](http://dx.doi.org/10.17060/ijodaep.2016.n1.v2.216).

Condessa, M. (2019). *A prática física e desportiva no 1º ciclo do ensino básico: falando de modelos sustentáveis para a educação e saúde*. Revista Contexto & Educação, 34(108), 189-196. <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2019.108.189-196>.

Fernandes, D. (2005). *Avaliação Alternativa: Perspectivas Teóricas E Práticas de Apoio*. Universidade de Lisboa.

Gonçalves, E. A (2014). prática de atividade física de crianças/jovens e de seus familiares adultos na promoção da saúde: um estudo em três comunidades locais. *Tese de Doutoramento em Estudos da Criança – Universidade do Minho, Braga*.

Gonçalves, F. R. (2006). *A auto-observação e análise da relação educativa. Justificação e prática*. Porto: Porto Editora

João, P. S. (sd). Obtido a 05 de junho 2019 de *Monografias.com*: <https://www.monografias.com/pt/trabalhos3/metodos-investigacao-cientifica/metodos-investigacao-cientifica.shtml>

Leitão, I. A. (2013). *Os diferentes tipos de Avaliação: Avaliação Sumativa e Avaliação Formativa*. Universidade Nova de Lisboa.

Leite, S. A. (2012). *A Incidência da Avaliação Sumativa Externa (Provas de Aferição)*

Nas práticas Docentes do 1.º Ciclo do Ensino Básico e nos Projetos Curriculares e de Turma. Universidade dos Açores.

Lopes da Silva, I. , Marques, L., Mota, L. e Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.* Lisboa: Ministérios da Educação/ Direção Geral da Educação (DGE).

Mallmann, M., & Barreto, s. (s.d.). *A dança e os seus efeitos no desenvolvimento das inteligências múltiplas das crianças.* Santa Catarina: Instituto Catarinense de Pós-Graduação.

Ministério da Educação (2006). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1.º Ciclo.* Lisboa. Departamento da Educação Básica – Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2010). *Metas de Aprendizagem de Educação Física.* Lisboa: Ministério da Educação, consultado em <http://www.spef.pt/image-gallery/9813980308675-Colgios-Educao-Legislaio-Metas-Aprendizagem-EF-Ensino-Bsico.pdf>

Neto, C. (2003). Introdução: jogo e desenvolvimento da criança. In: Neto, C (2003). *Jogo & Desenvolvimento da criança.* Cruz Quebrada: FMH.

Neto, C. (2009). A Importância do Brincar no Desenvolvimento da Criança: uma Perspectiva Ecológica. In Condessa, I. (2009). *(Re) Aprender a Brincar – Da Especificidade à Diversidade.* (pp.19-35). Ponta Delgada: Universidade dos Açores;

Nóvoa, A. (1992). *Os professores e a sua formação.* Lisboa : Dom Quixote.

Osório, A. J. (2020). *Reflexões sobre tecnologia e educação em tempo de pandemia.* In Martins, M., Rodrigues, E., A Universidade do Minho em tempos de pandemia: Tomo II: (Re)Ações.UMinho Editora. DOI: <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.24.9>

Perez, L.M.R. (2004) *DesarrolloN»Motor y Actividades Físicas.* 3.ª Ed. Madrid: Ed. Gymnos.

Perrenoud, P. (2002). *Aprender a negociar a mudança em educação – Novas estratégias de inovação.* Lisboa: ASA Editores II, S.A

Pombo, O., Guimarães, H. & Levy, T. (1994). *A interdisciplinaridade – reflexão e experiência.* Lisboa: Texto Editora

Raposo, P. (2013). *As Atividades Ritmicas Expressivas como meio de aprendizagem. Relatório de Estágio.* Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

Roldão, M. (2009). *Estratégias de ensino. O saber e o agir do professor*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Roldão, M. (2017). Formação de professores e desenvolvimento profissional. *Revista Educação*, Campinas, v. 22, n. 2, p. 191-202, maio/ago.

Rodríguez Fernández, J., Pereira, V., Pereira, B., & Condessa, I. (2019). *Análisis de la interacción entre pares en los recreos de 1º ciclo de enseñanza básica en Portugal (Analysis of peer interaction during recess in 1st cycle of basic education in Portugal)*. *RETOS*, 36(36), 97-102.

Sacristán, J. (1995). *El curriculum: una reflexión sobre la práctica*. Madrid: Edições Morata

Thomas, J., Gallagher, J.; Thomas, K. (2001). *Motor development and skill acquisition during childhood and adolescence*. In: R. SINGER, H.HAUSENBLAS, M. JANELLE (Org.) *Handbook of Sport Psychology*. 2nd ed. New York: John Wiley & Sons, Inc.

Vayer, P. (1980). *O diálogo corporal : a acção educativa na criança dos 2 aos 5 anos*. Lisboa. Instituto Piaget.

Vaz, M.M.C. (2011). Concepções de futuros professores acerca da planificação do processo de ensino-aprendizagem. *Tese de mestrado*. Lisboa: Instituto da Educação da Universidade de Lisboa.

Zabalza, M. (2003). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola (7.ª ed.)*. Porto: Edições ASA

Zeichner, Kenneth M. (1993). *A formação reflexiva de professores : ideias e práticas*. Lisboa: Educa.

Legislação Consultada:

Decreto - Lei n.º 79/2014 - Habilitação profissional para a docência na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário

Anexos

Anexo 1 – Exemplo de uma Planificação do Pré- Escolar

Segunda-feira, 18 de novembro de 2019

Período da rotina	Áreas/domínios/objetivos	Estratégias (atividades/recursos)
<p>Acolhimento (9h – 9h30)</p>	<p>Área: Formação Pessoal e Social Domínio: Construção da identidade e da autoestima e Convivência Democrática e Cidadania Objetivos: - Identificar a sua fotografia no quadro de presenças; - Esperar pela sua vez para intervir.</p>	<p>O dia inicia-se com a identificação do chefe do dia de acordo com a ordem no quadro das presenças e denotando-o com uma mola vermelha. É o chefe que inicia a marcação das presenças no quadro de dupla entrada através do desenho de um círculo com um marcador azul. Assim que o chefe terminar a marcação da sua presença terá de chamar o próximo colega cantando “Se eu fosse um peixinho”, este processo repete-se até que todas as crianças presentes tenham marcado a sua presença. Com as presenças marcadas cabe ao chefe do dia marcar as faltas, caso as haja, desenhando uma cruz com um marcador vermelho.</p>
	<p>Área: Expressão e Comunicação Domínio: Educação Artística Subdomínio: Música Objetivo: - Cantar uma música, atendendo à estrutura rítmica e letra da mesma.</p>	<p>Este também é responsável por contar as crianças presentes, registar o estado meteorológico no quadro e indicar o dia do mês em que se encontram no calendário, de seguida, solicitar-se-á ao chefe do dia que se dirija aos aquários do peixe e da tartaruga para os alimentar. Feito isto, cantar-se-á com as crianças a canção do “Bom dia”, questionando-as, de seguida, relativamente ao dia da semana em que se encontram e cantando a canção do mesmo.</p>
	<p>Área: Conhecimento do Mundo Domínio: Abordagem às Ciências Subdomínio: Conhecimento do mundo físico, natural e social Objetivos: - Identificar o dia da semana; - Identificar as condições meteorológicas.</p>	

Atividades orientadas (9h30-10h15)	<p>Área: Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio: Linguagem Oral e a Abordagem à Escrita</p> <p>Subdomínio: Linguagem Oral</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Usar a linguagem em contexto, conseguindo comunicar eficazmente; - Recordar acontecimentos passados. 	<p>Depois pedir-se-á às crianças para contarem os acontecimentos significativos do seu fim de semana, sendo mobilizadas estratégias que levem a uma mais pormenorizada descrição desses acontecimentos, como questões abertas (porquê? como aconteceu? o que fizeram depois? etc.).</p> <p>Após esta partilha dos acontecimentos do fim-de-semana as crianças irão para as mesas e no seu caderno registarão o desenho que representará o seu fim-de-semana.</p> <p>Ao terminarem os desenhos, o responsável pela atividade sentar-se-á com eles e cada criança explicará o seu desenho, sendo que o responsável colocará questões como (quem é? O que é?) fazendo posteriormente a descrição escrita junto dos elementos desenhados pelas crianças.</p>
	<p>Área: Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio: Educação Artística</p> <p>Subdomínio: Artes visuais</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Expressar as suas vivências através do desenho; - Atribuir significado ao que desenha; - Estabelecer relações entre a escrita e a mensagem oral; - Aperceber-se do sentido direcional da escrita. 	
Lanche e recreio (10h20 – 11h)		
Atividades orientadas (11h – 11h20)	<p>Área: Matemática</p> <p>Domínio: Geometria e medida</p> <p>Objetivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fazer comparações diretas; - Conhecer e usar termos de medida: “mais comprido”, “mais curto”, “mais alto”, “mais baixo”. 	<p>Depois de voltarem do recreio, as crianças sentar-se-ão no tapete e retomar-se-á o tema dos Açores, perguntarei “Quantas ilhas tem os Açores”, “Qual a ilha mais pequena” e “Qual a ilha em que vivemos?”. Posto isto, para introduzir o tema da família, utilizarei como estratégia, o facto de a avó de uma das crianças viver na Terceira e de a minha própria família estar noutra ilha, facto que deste cedo despertou interesse às crianças.</p>

	<p>Área: Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio: Linguagem Oral e a Abordagem à Escrita</p> <p>Subdomínio: Linguagem Oral</p> <p>Objetivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Usar a linguagem em contexto, conseguindo comunicar eficazmente 	
Atividades orientadas (11h20 – 11h45)	<p>Área: Matemática</p> <p>Domínio: Números e Operações</p> <p>Objetivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Contar sequencialmente os números de 1 a 8. 	Seguidamente, mostrar-se-á a dança-canção pijama de 2019, inicialmente as crianças apenas visualizarão o vídeo. Posto isto, pedirei para sentarem-se numa cadeira e de acordo com o ritmo da música baterem os pés no chão, à terceira audição da música as crianças associarão o batimento do pé a um número de 1 a 8, realizando assim a contagem. Por último e depois de já estarem minimamente familiarizados com a música pedir-se-á para cantarem
	<p>Área: Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio: Música</p> <p>Objetivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Marcar o ritmo da música através do batimento do pé - Cantar uma música, atendendo à estrutura rítmica e letra da mesma. 	
Almoço (11h45 – 13h30)		
Acolhimento da tarde (13h30 – 14h00)	<p>Área: Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio: Música</p> <p>Objetivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Descontrair através da concentração no som da sua voz. 	Quando as crianças regressarem do almoço, realizar-se-á na manta um pequeno relaxamento. Desta forma, pedir-se-á às crianças para respirarem profundamente e para durante a expiração dizerem a vogal que a responsável proferir, tentando sentir a sua zona de vibração: A (peito), E (pescoço), I (zonas laterais da cara), O (coração) e U (pescoço).
	<p>Área: Formação Pessoal e Social</p> <p>Domínio: Construção da identidade e da autoestima</p> <p>Objetivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Expressar as suas opiniões e preferências 	De seguida, realizar-se-á a “Hora do conto” contará uma história sobre a família, criada em A3. Após a contagem da história proceder-se-á ao reconto da mesma, sendo que falaremos da família de cada uma das crianças e das diferenças entre as mesmas. Posto isto pedirei que no dia seguinte as crianças tragam ma fotografia da sua família (as crianças

	diante dos colegas.	também levarão um recado na caderneta.)
	<p>Área: Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio: Linguagem Oral e a Abordagem à Escrita</p> <p>Subdomínio: Linguagem Oral</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Comunicar eficazmente; - Recontar a história de acordo com a sequência de eventos sucedidos na mesma. 	
Educação Físico-Motora (14h00 - 14h45)	<p>Área: Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio: Educação Física</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Proteger o seu colete; - Respeitar os limites de espaço impostos 	Neste seguimento, o grupo de crianças dirigir-se-á para o ginásio, onde se começará por realizar um pequeno aquecimento. O aquecimento consistirá no jogo da raposa, num espaço amplo e limitado, as crianças terão um colete colocado nas calças, aleatoriamente uma será escolhida para apanhar o maior número possível de “rabos de raposa”
	<p>Área: Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio: Educação Artística</p> <p>Subdomínio: Dança</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Dominar movimentos que implicam deslocamentos e equilíbrios. - Utilizar de diferentes modos os vários segmentos do corpo; - Movimentar-se livremente pelo espaço; - Reproduzir corretamente movimentos locomotores simples. 	Depois será ensinada a coreografia da canção pijama de forma gradual, sendo que inicialmente as crianças dançarão livremente e posteriormente, faremos uma coreografia direccionada simples, onde as crianças terão diversos passos que implicam deslocamentos, rolar, saltar e balançar.

	<p>Área: Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio: Música</p> <p>Objetivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Marcar o ritmo da música através do batimento do pé. 	
	<p>Área: Matemática</p> <p>Domínio: Números e Operações e Geometria e Medida</p> <p>Objetivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Contar sequencialmente os números de 1 a 8. - Conhecer e usar termos espaciais dinâmicos: rolar, saltar, deslizar, balançar, puxar, girar, atirar e equilibrar; - Conhecer e usar termos espaciais estáticos: “Dentro/Fora”, “Longe/Perto”, e “Esquerda/Direita”; 	
	<p>Área: Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio: Educação Física</p> <p>Objetivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Descontrair através da concentração no movimento da bola. 	<p>Por fim, será realizado um relaxamento. Para tal, será pedido às crianças para se sentarem no chão em círculo, procedendo à realização de alguns alongamentos. De seguida, pedir-se-á às mesmas para se colocarem de costas para os colegas no círculo e para massajarem as costas do colega que se encontra à sua frente utilizando uma bola.</p>

Anexo 2 – Exemplo Grelha de Avaliação Pré- Escolar

Áreas	Crianças	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
	Objetivos																
Formação Pessoal e Social	Identificar a sua fotografia no quadro de presenças.																
	Esperar pela sua vez para intervir.																
	Reconhecer as suas emoções e as dos colegas.																
	Expressar as suas opiniões e preferências diante dos colegas.																
	Identificar a importância de saber esperar.																
	Mostrar respeito pelos outros independentemente das diferenças																
Expressão e Comunicação	Usar a linguagem em contexto, conseguindo comunicar eficazmente.																
	Recordar acontecimentos passados.																
	Cantar uma música, atendendo à estrutura rítmica e letra da mesma.																
	Descontrair através da concentração no som da sua voz.																
	Deslocar-se no espaço sem colidir com os colegas.																
	Deslocar-se de diferentes formas, rastejar, rebolar, correr, etc..																
	Estabelecer relações entre a escrita e a mensagem oral;																
	Atribuir significado ao que desenha;																
	Utilizar de diferentes modos os vários segmentos do corpo;																
	Movimentar-se livremente pelo espaço;																
	Reproduzir corretamente movimentos locomotores simples.																
	Aperceber-se do sentido direcional da escrita.																
	Descontrair através da concentração no																

	movimento dos braços.																			
	Contar sequencialmente os números de 1 a 8;																			
	Identificar quantidades através de diferentes formas de representação																			
	Mover individualmente cada parte do corpo, de acordo com as instruções.																			
	Não ultrapassar os limites que forem estabelecidos no percurso.																			
	Conhecer e usar termos espaciais dinâmicos: rolar, saltar, deslizar, balançar, puxar, girar, atirar e equilibrar;																			
	Conhecer e usar termos espaciais estáticos: “Dentro/Fora”, “Longe/Perto”, e “Esquerda/Direita”;																			
Conhecimento do Mundo	Identificar o dia da semana.																			
	Identificar as condições meteorológicas.																			
	Estabelecer relações entre o presente e o passado da sua família																			
	Tomar consciência da sua identidade e pertença a uma família.																			

1 - Não Realiza

2- Realiza com ajuda

3- Realiza

NO - Não observado

Anexo 3 – Exemplo de Planificação 1.º Ciclo

Dia 12 de outubro de 2020			
Horário	Disciplina/ Conteúdos	Objetivos	Atividades
8:30 - 10:00	Português: - Leitura e Compreensão textual	Ser capaz de: - Ler em voz alta palavras e textos; - Identificar informação essencial em textos orais;	Na manhã de segunda-feira, quando todas as crianças estiverem reunidas, pedirei para abrirem o manual do 3.º ano na página 12, onde encontrarão o texto “Trabalhos para casa”, antes de lerem o texto em questão, discutiremos o tema, colocarei questões tais como: “Quando costumam fazer o trabalho de casa?” “Alguém vos ajuda?”. Feita esta discussão inicial, pedirei para observarem e descreverem a imagem, de seguida leremos o texto, inicialmente em voz baixa e, posteriormente, em voz alta. Para concluir, resolveremos os exercícios de compreensão do texto da página 13 do manual.
10:00 -10:25	Intervalo		
10:25 – 11:10	Inglês		
11:10 – 11:55	Matemática - Números até ao 100 mil.	Ser capaz de: - Entender as regras de construção dos numerais cardinais até 100 mil; - Representar qualquer número natural até 100 mil, identificando o valor posicional.	Para a aula de Matemática recorrerei ao MAB, recordarei a caminhada realizada até à dezena de milhar e destacarei o facto de cada ordem ser sempre 10 vezes maior do que a ordem anterior. Em seguida os alunos irão realizar os exercícios das páginas 25, 26 e 27 do caderno do aluno.
Almoço			
13:40 – 15:10	Estudo do meio - Freguesias, concelhos e distritos.	Ser capaz de: - Distinguir freguesia, concelho e distrito.	Após a hora de almoço, recordarei com as crianças os termos freguesia e concelho, lecionados na semana passada e introduzirei o conceito de distritos, para isto utilizarei um vídeo criado por mim através do PowerPoint. Após uma pequena discussão acerca do vídeo observado exploraremos a página 21 e 22 do manual e resolveremos uma ficha de trabalho sobre o tema.

Anexo 4 – Exemplo da Grelha de Avaliação 1. CEB

Avaliação	Crianças	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18
	Objetivos																		
	Entender as regras de construção dos numerais cardinais até 100 mil;																		
	Representar qualquer número natural até 100 mil, identificando o valor posicional.																		
Português	Ler em voz alta palavras e textos.																		
	Reconhecer o significado de novas palavras.																		
Estudo do meio	Distinguir freguesia, concelho e distrito.																		
Expressões	Dominar progressivamente as possibilidades do corpo e da voz.																		

1- Insuficiente 2 - Suficiente 3 - Bom 4 - Muito Bom

Anexo 5 – Questionário

A perspetiva de pais sobre as práticas quotidianas de Movimento e Dança em crianças da escola infantil.

Este questionário tem como intuito de conhecer 'A perspetiva de pais sobre as práticas quotidianas de Movimento e Dança em crianças da escola infantil.' e enquadra-se num trabalho académico do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas na Universidade dos Açores.

Solicito que responda a todas as perguntas com sinceridade, sendo que toda a informação recolhida será apenas utilizada para efeitos académicos.

Agradeço, desde já, a sua disponibilidade e colaboração neste estudo!

1. De acordo com a informação sobre o propósito do estudo concorda em responder ao questionário.

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

A perspetiva de pais sobre as práticas quotidianas de Movimento e Dança em crianças da escola infantil.

2. De acordo com a informação sobre o propósito do estudo concorda em responder ao questionário.

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

A. Dados do(a) inquirido/a e Educando/a

1. Qual o seu grau de parentesco com a criança?

Marcar apenas uma oval.

Pai

Mãe

2. Qual a sua idade?

Marcar apenas uma oval.

menos de 25 anos

de 26 a 35 anos

de 36 a 45 anos

de 46 a 55 anos

mais de 55 anos

3. Qual a importância que atribui à atividade física?

Marcar apenas uma oval por linha.

	Nada importante	Pouco importante	Importante	Muito importante
Na educação em geral	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Na educação do/a seu/sua educando/a	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
No seu cotidiano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
No cotidiano da sua família	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

5. Qual o ano de escolaridade frequentado pelo/a seu/sua educando/a?

Marcar apenas uma oval.

- Pré-escolar
- 1.º ano
- 2.º ano
- 3.º ano
- 4.º ano
- Outro

6. Qual a idade do/a seu/sua educando/a?

Marcar apenas uma oval.

- menos de 6 anos
- 6 anos
- 7 anos
- 8 anos
- 9 anos
- mais de 9 anos

7. Qual a ilha da escola do/a seu/sua Educando/a?

0. 8. Qual a escola do seu/sua educando/a?

Marcar apenas uma oval.

A escola do seu/sua educando/a É a Escola EB1/JI de São José ou a EB1/JI da Matriz

A escola do seu/sua educando/a NÃO É Escola EB1/JI de São José ou a EB1/JI da Matriz

1. 9. Se o seu/sua educando/a NÃO frequenta a Escola EB1/JI de São José ou a EB1/JI da Matriz, qual a escola que frequenta?

B. Em contexto de vida normal!

Responda às seguintes questões de acordo com a realidade normal do seu educando.

2. 1. Qual o tempo diário que é despendido, pelo seu educando, a ver TV ou no computador/ tablet/ telemóvel?

Marcar apenas uma oval.

menos de 2 horas

de 2 a 4 horas

5 a 7 horas

8 horas ou mais

3. 2. O seu educando pratica alguma atividade física para além do que é realizado na educação física da

3. Se sim, qual/quais? (enumere de 1 para a frente).

4. Quantas vezes por semana cada atividade?

Marcar apenas uma oval por linha.

	1 a 2 vezes	2 a 3 vezes	mais de 3 vezes
Atividade 1	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atividade 2	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atividade 3	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

6. Como promove o movimento nos tempos livres do seu educando (fins-de-semana e férias)?

7. Em contexto familiar, como promove atividades de movimento ao/à seu/sua educando/a?

1. Desde o início da quarentena, o seu educando tem tido orientação do educador/professor para realizar atividade física em casa?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

tenha respondido NÃO à questão anterior, avance para a questão 8.

2. Onde são propostas essas atividades?

Marcar apenas uma oval.

Na televisão

Na internet

Outra situação

3. Quantas vezes por semana?

Marcar apenas uma oval.

1 a 2 vezes

2 a 3 vezes

mais de 3 vezes

4. Que tipo de movimentos são sugeridos

Marcar apenas uma oval por linha.

	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Sempre
Andar de Bicicleta ou de patins	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Correr	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Dançar ao som da música e segundo um modelo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Saltar à corda	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Saltar ao pé coxinho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Saltitar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Lançar uma bola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Driblar uma bola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pontapear uma bola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fazer exercícios de alongamento (espargata, sapo, ponte, etc.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fazer exercícios de equilíbrio (avião)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fazer exercícios de força (abdominal e dorsal)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Habilidades de ginástica (cambalhota, pino, roda, etc.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Jogos com materiais variados (raquetes, macaca, arco, etc.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

5. Tem espaço apropriado para o seu educando fazer essas atividades?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

6. Onde Realiza?

7. O seu educando faz essas atividades sozinho?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

8. Qual o impacto que o período de Covid-19 teve no seu educando?

Marcar apenas uma oval por linha.

	Nenhum acréscimo	Pouco acréscimo	Algum acréscimo	Muito acréscimo
Sedentarismo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Peso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Capacidade de atenção	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desempenho Acadêmico	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atividades de expressão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Capacidade de comunicação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Coordenação e agilidade motora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Motivação para o estudo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Necessidade de movimento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Capacidade Criativa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Interesse por novas atividades	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Comunicação Intergeracional	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Respeito pela regra	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
capacidade de adaptação a novas situações	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aceitação de novas práticas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Gosto por ouvir música e dançar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
interesses em atividades de ar livre	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Interesse por questões de saúde	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alimentação Saudável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

9. Em contexto familiar, como promove atividades de movimento ao/à seu/sua educando/a?

10. Se dissesse ao seu educando que amanhã podia retomar a sua vida normal, qual acha que seria a atividade de movimento que ele mais iria gostar de fazer?

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários

UNIVERSIDADE DOS AÇORES
Faculdade de Ciências Sociais e
Humanas

Rua da Mãe de Deus
9500-321 Ponta Delgada
Açores, Portugal

O Corpo, O Movimento e a Dança!

Cláudia Picanço

RE



2021